



4º TAG ibérico

Évora, Portugal

5-7 fevereiro/febrero 2026

PROGRAMA

Quinta-feira / Jueves

09h30 – 11h

Receção e documentação / Recepción y entrega de documentación

11h – 11.30h

Inauguração / Inauguración

11.30h – 13h

La discreta práctica de la anarquía.

Horizontalidad y resistencia cotidianas en las comunidades arqueológicas

Judit del Río (Universidad de Burgos)

Corey Herrmann (Vanderbilt University)

El trabajo arqueológico se desarrolla en un espectro amplio, desde la arqueología comercial a la investigación, pasando por la docencia, el trabajo museístico o la gestión del patrimonio. La premisa alrededor de la cual se estructura esta sesión es la existencia, en todos estos ámbitos, de prácticas sociopolíticas colectivas, más o menos organizadas, basadas en los principios de horizontalidad, descentralización, acción directa y apoyo mutuo. En este sentido, nos interesa indagar en prácticas anarquizantes, entrelazadas con el quehacer diario y regidas por directrices similares de libertad y responsabilidad colectivas. Entendemos este anarquismo cotidiano como una resistencia ante los poderes económicos, sociales y políticos del capitalismo neoliberal; resistencia que se fragua en la solidaridad entre los distintos integrantes de las comunidades arqueológicas (estudiantes, profesores, técnicos...) mediante diversas estrategias (sindicalismo, apoyo mutuo en los centros de trabajo, diversificación de contenidos académicos y expositivos...). Además, concebimos esta corriente dentro de una red mayor de prácticas liberatorias, entrelazada con ideologías feministas, decoloniales, anticapacitistas, sindicalistas, ecologistas y antifascistas. La sesión está abierta a trabajos que exploren prácticas impulsadas desde la base y con el objetivo de tejer alianzas entre iguales. Con ello pretendemos recalcar el valor de estas actividades

que, pese a ser consideradas en muchas ocasiones de menor envergadura, constituyen los cimientos para el desarrollo de una imaginación revolucionaria común que nos permita seguir imaginando otros mundos —tanto dentro como fuera de la arqueología.

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUCIONES

¿Sueñan en gestión con soluciones más horizontales? Hacia una gestión participativa del patrimonio arqueológico

Jaime Almansa-Sánchez (CRETUS, Universidade de Santiago de Compostela)

Desde que la ley 16/1985 de Patrimonio Histórico Español puso sobre la mesa el concepto de dominio público para los bienes arqueológicos, la práctica nos ha ido llevando a soluciones muy restrictivas en las que las administraciones públicas han sido algo más que garantes de la protección. Con la ratificación del Convenio de Faro en 2018 se esperaba un cambio en esta tendencia, pero hasta el momento no se vislumbra ninguna reforma legislativa de calado con respecto a este tema.

El patrimonio inmaterial suele ser un buen ejemplo de gestión compartida, al tratarse de un valor que no tiene sentido sin las comunidades portadoras. Sin embargo, la institucionalización de dicha gestión termina convirtiendo a los patrimonios declarados en elementos estáticos que pierden buena parte de su razón.

A pesar de todo, la dejación en la conservación y puesta en valor de muchos de los miles de espacios arqueológicos potencialmente disponibles que practican las administraciones públicas ha llevado a algunas iniciativas interesantes que pueden ser el germen de una gestión participativa del patrimonio arqueológico. Se explorarán posibles vías y propuestas para avanzar en ese sentido.

Transmitindo e criando conhecimento em arqueologia: pedagogias horizontais em tempos acelerados

Inês Ribeiro¹, Nelson J. Almeida^{1,2}, Rafaela Araújo³, Ana Catarina Basílio^{3,4,5}, Alejandro Beltrán Ruiz⁶, António Diniz¹, Filipa Dias³, Beatriz Frazão³, Pedro Godinho³, Catarina Guinot³, Jéssica Paes⁷, Diego Paver⁸, José Poças⁸

1 Universidade de Évora (CHAIA/IN2PAST)

2 Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).

3 Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora.

4 Município de Reguengos de Monsaraz.

5 Interdisciplinary Center for Archaeology and the Evolution of Human Behaviour (ICArEHB).

6 Universidad de Cádiz; Universidad de Granada (GEPRAN).

7 Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora.

8 Programa de Pós graduação em Ciências Ambientais da UNESCO, Brasil

Entre a pressão da produtividade académica, a precariedade e a velocidade das rotinas institucionais, a prática arqueológica ainda pode encontrar espaço e o trabalho tornar-se de uma comunidade. Partindo de experiências partilhadas neste grupo, composto por docentes, estudantes e investigadores, esta comunicação reflete sobre formas de colaboração que se constroem à margem da hierarquia e da competição.

A “pedagogia horizontal” é entendida simultaneamente como princípio e prática. Recusa a separação rígida entre ensinar e investigar, reconhecendo que ambos emergem das mesmas relações, em que todos participam na produção de conhecimento. Em vez de uma transmissão unidirecional, privilegia o diálogo, a atenção partilhada e a

corresponsabilidade, transformando diferenças de experiência em recursos pedagógicos. Assente num funcionamento capilar do conhecimento, esta abordagem permite que, a partir de um ponto inicial de orientação, todos os membros do grupo se tornem rapidamente coconstrutores, mediadores e transmissores de saber. Esta circulação distribuída, alimentada pela convivência e pela cooperação, reforça a autonomia, fomenta a aprendizagem e produz redes de cuidado e responsabilidade mútua. Estas práticas, discretas e quotidianas, constituem gestos de resistência ao ritmo acelerado da academia, recentrando o sentido coletivo da disciplina e afirmando que o conhecimento arqueológico é inseparável das relações que o tornam possível.

Perspectivas internacionales sobre el anarquismo y la ética arqueológica

James Flexner¹, Judit Del Rio², Corey Hermann³

1 Department of Archaeology, University of Sydney

2 Dpto. Historia, Geografía y Comunicación, Universidad de Burgos

3 Anthropology Department, Vanderbilt University.

Las arqueologías anarquistas se han definido ampliamente por aquello a lo que se oponen: el capitalismo, los imperios, el patriarcado y toda forma de opresión y coerción violenta. Esto puede equilibrarse con los aspectos creativos y prácticos del anarquismo. El anarquismo nos invita a confrontar las cuestiones de nuestra responsabilidad con el registro arqueológico; con mundos más allá de los humanos de organismos, cosas y entornos; con las comunidades de académicos, profesionales y descendientes. ¿Cómo podemos construir relaciones más equitativas entre estos ejes de teoría y práctica? ¿Cuáles son las limitaciones a medida que los arqueólogos anarquistas negocian su lugar dentro de la disciplina, la academia, los entornos profesionales y la economía política capitalista neoliberal de la que ninguno de nosotros puede escapar? ¿Es posible prefigurar un futuro más justo y equitativo en nuestro presente decididamente y cada vez más desigual? Ilustramos nuestras respuestas basadas en principios a estas preguntas dentro de un marco de arqueologías anarquistas, utilizando ejemplos concretos de Sudamérica, Europa y Oceanía.

13 – 14.30h

Almoço / Comida

14h30 – 16h

Desafios da Comunicação de Pré-História no séc. XXI: Entre a Pseudoarqueologia e a Economia da Atenção

Sara Cura¹, Susana Nunes², Miguel Serra³

1 Interdisciplinary Center for Archaeology and the Evolution of Human Behaviour (ICArEHB)

2 Palimpsesto

3 Projeto Outeiro do Circo, Câmara Municipal de Serpa

É amplamente aceite que a sociedade nutre um interesse genuíno pela Pré-história e, de forma mais abrangente, pela Arqueologia. Contudo, será este interesse orientado para a prática e a teoria da disciplina, ou sobretudo para a visão amplificada pelos media, marcada por aventuras, enigmas e teorias conspirativas? O sucesso de séries como *Ancient Apocalypse* (Netflix) demonstra como narrativas especulativas capturam a atenção pública, desafiando a comunicação da Pré-história.

Hoje, a desinformação é frequente na televisão e no streaming, mas alastra de forma exponencial nas redes sociais. Plataformas como YouTube, TikTok ou Instagram privilegiam conteúdos de forte apelo emocional e imediato, em detrimento de mensagens complexas, lentas e fundamentadas. A lógica algorítmica tende a ocultar conteúdos científicos e penaliza quem não publica constantemente. Além disso comunicar ciência de forma regular exige recursos, tempo e uma multiplicidade de competências — da investigação ao design gráfico, da edição de vídeo ao marketing digital. Para projetos com baixo orçamento, o desafio é monumental.

Neste contexto, os pré-historiadores enfrentam uma dupla tarefa: ocupar o espaço frequentemente preenchido por informação sem rigor e, simultaneamente, adaptar-se a ecossistemas comunicacionais cujo funcionamento não favorece a ciência. A economia da atenção coloca a ciência em desvantagem, uma vez que o conhecimento científico é lento, racional e matizado, contrastando com as narrativas rápidas e emocionais que dominam os feeds digitais.

A questão central permanece: devemos moldar a comunicação científica às regras dos algoritmos, correndo o risco de diluir a complexidade do conhecimento? Ou será necessário criar espaços alternativos e mais sustentáveis de diálogo com a sociedade?

Esta sessão pretende abrir a discussão e a reflexão em torno destas questões, partilhar experiências, estratégias e boas práticas, e convocar a participação ativa de investigadores e comunicadores de ciência na construção de novas formas de comunicar a Pré-história no século XXI.

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUCIONES

Yabba-Dabba-Doo! É assim tão difícil comunicar ciência?

Pedro M. Sobral de Carvalho¹, Luís Taklim²

1 Eon, Indústrias Criativas, Lda

2 Anyforms Design

A comunicação da Pré-história ao grande público continua a ser um desafio complexo, mas não necessariamente difícil, desde que se compreendam as expectativas, as referências culturais e os modos de perceção dos diferentes públicos. A comunicação científica, especialmente no domínio da Pré-história, enfrenta estereótipos enraizados — como a imagem caricatural do “Homem das Cavernas”, popularizada por expressões como Yabba-Dabba-Doo! — que simplificam e, por vezes, distorce o conhecimento científico. No entanto, esses mesmos estereótipos podem ser pontos de partida eficazes para captar a atenção e introduzir narrativas mais rigorosas.

A comunicação de ciência exige equilíbrio entre o rigor académico e a linguagem acessível. No caso da Pré-história, a distância temporal, a ausência de fontes escritas e a dependência de interpretações arqueológicas tornam-na particularmente suscetível a mal-entendidos. Ainda assim, estratégias de mediação como a ilustração e a infografia, entre outros, demonstram que é possível traduzir conceitos complexos de forma envolvente.

Mais do que simplificar em excesso, comunicar Pré-história implica criar pontes. Assim, comunicar ciência pode ser exigente, mas não precisa de ser um “bicho-de-sete-cabeças”. Com criatividade, rigor e empatia, é possível transformar distância temporal em proximidade intelectual.

Património Pré-Histórico e Comunidade em Avis: Experiências de Educação Patrimonial

Ana Cristina Ribeiro (Centro de Arqueologia de Avis)

A investigação sobre a Pré-História no concelho de Avis tem revelado um património de elevado valor científico e cultural. A análise destes vestígios, enquanto suportes materiais de memória, contribui para a construção e o reforço da identidade local. Comunicar este património implica transformá-lo em conhecimento socialmente partilhado, capaz de envolver e sensibilizar a comunidade. Nesse contexto, a Educação Patrimonial desempenha um papel central na articulação de memória colectiva, identidade e comunicação. Estratégias que promovem a participação activa, a leitura crítica da cultura material e a contextualização histórica, fortalecem a capacidade da comunidade de reconhecer, valorizar e, conseqüentemente, preservar o seu legado pré-histórico. Reconhecendo que a valorização efectiva destes valores depende da sua apropriação social, o Centro de Arqueologia de Avis tem promovido uma acção contínua que integra dimensões científica, cultural e pedagógica, destinada a aproximar a comunidade ao património pré-histórico local. Diversas iniciativas, adaptadas a público distintos, têm contribuído para partilhar conhecimento, incentivar a compreensão e a participação da comunidade e consolidar o vínculo colectivo ao património. Pretende-se partilhar essas experiências e reflectir sobre o seu impacto no diálogo com a comunidade, destacando o potencial pedagógico das práticas vivenciais associadas ao contacto directo com sítios e artefactos pré-históricos.

Desafios da divulgação do património megalítico do concelho de Sintra – reflexão sobre as atividades desenvolvidas entre 2020 – 2025

Eduardo Porfírio^{1,2}, Catarina Costeira^{1,3}

1 Câmara Municipal de Sintra

2 CEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra

3 Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

O estudo do megalitismo sintrense remonta às origens da investigação pré-histórica em Portugal e na Europa. Contudo, no final do século XX/inícios do século XXI os projetos de investigação dedicados às práticas megalíticas neste território reduzem-se, o que constitui um constrangimento para a sua valorização e divulgação arqueológica. Neste território proliferam diversas atividades de divulgação do património megalítico com pouca fundamentação científica, mas que exercem grande atração junto da comunidade. Desde 2020 que os autores desempenham funções de arqueólogos municipais, sendo responsáveis pelos trabalhos de escavação no monumento pré-histórico da Praia das Maças e do Tholos do Monge no âmbito dos respetivos projetos de conservação e valorização. Para além dos projetos referidos, têm realizado diversas ações de monitorização, limpeza e de divulgação destes e de outros monumentos como as Antas de Belas, a Anta da Aigualva/Carrascal ou os geomonumentos de Adrenunes e da Barreira.

Nesta comunicação pretendemos apresentar as diversas atividades de divulgação realizadas entre 2020 e 2025. Estas iniciativas foram sobretudo presenciais, com reduzida utilização dos recursos digitais, sendo por isso importante avaliar os seus aspetos positivos e as suas principais fragilidades. Pretendemos também delinear novas estratégias de divulgação do património megalítico sintrense, mais focadas nas ferramentas digitais de acesso aberto.

Arqueologia fora do feed: comunicar devagar num mundo apressado

Nelson J. Almeida^{1,2,3,4}, Miguel Serra^{4,5,6}, José Pereira⁷, José Gonçalo⁷, João Barreira^{1,3,4,8}

1 Universidade de Évora, Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA / IN2PAST)

2 Escola de Ciências Sociais. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

3 O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

4 Colectivo de Investigação da Pré-História Recente do Baixo Alentejo (CIPHBA)

5 Câmara Municipal de Serpa

6 Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, Universidade de Coimbra (CEAACP)

7 Câmara Municipal de Moura

8 Museu Rainha Dona Leonor - Museus e Monumentos de Portugal, E.P.

Num tempo dominado por algoritmos, urgências e desinformação, comunicar a Pré-História tornou-se um exercício de resistência. As narrativas rápidas e emocionais das redes sociais, do sensacionalismo e do streaming competem com uma Arqueologia que exige contexto, reflexão e tempo. Partimos de experiências desenvolvidas ao longo dos últimos cinco anos com academias séniores, escolas secundárias, associações e diversos municípios, sobretudo no Alentejo. Workshops, caminhadas arqueológicas, barferências e conferências comunitárias servem aqui de base para discutir o valor de uma “comunicação lenta” como alternativa crítica à economia da atenção.

Mais do que rejeitar o digital, procura-se reintroduzir nele a possibilidade de atenção partilhada e de diálogo informado em presença. Ao privilegiar o encontro directo, a participação activa e o tempo dedicado à construção de significado, estas práticas demonstram que o envolvimento público com o passado, de forma duradoura e interessada, não depende do espectáculo, mas da relação. A comunicação “lenta” permite contrariar a atracção da pseudociência e das narrativas simplistas através de processos que devolvem complexidade sem perder a acessibilidade. Argumenta-se, assim, que a Arqueologia pode oferecer, num mundo instantâneo e saturado de ruído, um espaço de desaceleração e de verdadeira atenção, onde compreender é gradual e comunicar torna-se um gesto ético.

Desviar do virtual e mostrar-lhes material? A utilização de réplicas artefactuais como motivação para aprender História

Cristina Gameiro (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / UNIARQ)

Atualmente vivemos cada vez mais através de ecrãs. Os adultos sentem os efeitos deste hábito, mas para as crianças e os jovens as consequências podem ser mais graves: escassos hábitos de leitura e pouca experiência de brincadeira ao ar livre. A geração Z parece enfrentar crescentes problemas de saúde mental que alguns autores associam a esta dependência digital.

Este contexto inspirou uma análise comparativa, numa turma do 7.º ano, composta por 23 alunos, numa escola de Lisboa. Dois submódulos das Aprendizagens Essenciais, “Das sociedades recolectoras às primeiras sociedades produtoras” e “O mundo romano no apogeu do império” foram lecionados utilizando recursos distintos. O primeiro tema foi lecionado recorrendo ao manuseamento de réplicas de artefactos e a uma atividade de Arqueologia Experimental. O segundo tema foi apresentado recorrendo exclusivamente a recursos digitais, com destaque para o website Lisboa Romana. A avaliação, realizada através de fichas sumativas e inquéritos anónimos, não revelou diferenças estatisticamente significativas no desempenho dos alunos. Contudo, registou-se maior entusiasmo e participação durante as aulas de manuseamento de réplicas artefactuais e atividades de Arqueologia Experimental.

Foi possível concluir que, embora os recursos digitais sejam indispensáveis, é desejável equilibrar o seu uso com atividades de ensino experimental, que possam ser lúdicas, estimulando o envolvimento e a cooperação entre os alunos. Esta análise comparativa confirmou a importância da diversidade metodológica e das materialidades trabalhadas pela Arqueologia no ensino da História.

The prehistoric schematic paintings of Serra de Passos/Santa Comba – Garraia: Communication challenges in a conflict setting

Joana Castro Teixeira¹, Maria de Jesus Sanches¹, Sara Cura^{2,3}

1 Faculdade de Letras da Universidade do Porto, CITCEM

2 Comunicar Arqueologia

3 ICArEHB - Interdisciplinary Center for Archaeology and The Evolution of Human Behaviour

This communication aims to reflect on the challenges of heritage dissemination in a context of conflict, drawing on the experience of the movement “Juntos pela Serra de Passos sem Ventoinhas”. The Passos/Santa Comba – Garraia mountain, located between Mirandela, Valpaços and Murça, constitutes the largest nucleus of prehistoric schematic rock art in Portuguese territory, whose exceptional scientific value also derives from the possibility of contextual study with diverse traces of human occupation and megalithic monuments in the periphery.

Faced with the threat of a wind farm, whose licensing became known in 2022, the archaeological research team created a Facebook page to raise public awareness, bridging the gap between scientific knowledge and public dissemination. The movement gained regional and national prominence, resulting in legal action by the Public Prosecutor’s Office that suspended the construction.

We discuss here central issues: the adaptation of scientific language to diverse audiences, the balance between heritage defence and institutional credibility, the management of citizen participation, and the maintenance of community engagement in the post-mobilisation period. The creation of the website “A Montanha Sagrada” represents the continuity of this effort, aiming to consolidate the connection between the population and their territory and to promote a project for the protection and valorisation of the Serra as a concerted endeavour among the three municipalities.

Como assim “os arqueólogos não escavam dinossauros”?! Desafios de comunicar Arqueologia nas redes sociais.

Susana Nunes, João Nuno Marques (Palimpsesto)

A ideia persistente de que os arqueólogos escavam dinossauros é um exemplo simples e revelador dos desafios atuais da comunicação de Pré-História e de Arqueologia.

A divulgação do conhecimento científico, nomeadamente da Arqueologia enquanto ciência e prática, é fundamental para fortalecer a literacia científica, promover uma cidadania (in) formada e crítica e contribuir para o reconhecimento social da profissão. Contudo, são ainda raros os projetos estruturados de comunicação de Arqueologia, especialmente nas redes sociais, onde mitos e narrativas distorcidas se disseminam facilmente e alimentam perceções erradas sobre o trabalho arqueológico.

O projeto “Os arqueólogos não escavam dinossauros” surge como resposta a esta realidade. Assumindo a comunicação como parte integrante da prática arqueológica,

procura aproximar a disciplina da sociedade através de atividades lúdico-pedagógicas e de conteúdos científicos acessíveis. Esta comunicação destaca um dos grandes desafios do projeto: comunicar Arqueologia de forma apelativa, adaptada (ou talvez não) ao algoritmo das redes sociais e sem perder o rigor científico.

Apesar de recente, o projeto tem revelado resultados positivos, demonstrando o interesse genuíno dos públicos, tanto nas redes sociais como em contextos educativos.

16h – 16h30m

Café

16h30 – 18h

Espaços de reunião:

Debatendo o conceito de assembleia na sua aplicação a contextos da Pré-História Recente

Ana Vale (CITCEM-FLUP)

António Valera (ERA Arqueologia, ICArEHB-UA)

O desenvolvimento da investigação sobre recintos da Pré-História Recente, primeiro murados/muralhados e depois de fossos, introduziram na arqueologia portuguesa desse período a noção de locais de agregação e reunião, utilizando-se igualmente o termo assembleia, numa tradução de Assembly, utilizado por vários autores ingleses nas suas abordagens aos “ditched and causewayed enclosures”. Estando o termo Assembleia definido em dicionário com o significado de “Reunião”, “Orgão”, “Lugar de Reunião”, “Espaço ou Acto formalizado ou não formalizado” ou mesmo como “Processo”, a sua utilização na arqueologia dos recintos tem tido nuances de significado. Nuns casos ligado a espaços públicos de reunião de pessoas, animais e objectos, noutros incorporando actividades em interacção (sincrónica e/ou diacrónica), noutros ainda de uma forma mais holística, reportando-se à forma como todo um sistema social total ou um território se expressa num determinado lugar.

Pretende-se, nesta sessão, debater as várias modalidades em que o conceito de Assembleia tem vindo a ser utilizado na abordagem aos recintos da Pré-História Recente e, simultaneamente, discutir a sua aplicabilidade a outro tipo de contextos, como monumentos megalíticos funerários e não funerários, necrópoles ou locais com arte rupestre, assim como a existência de escalas e temporalidades de assembleia.

MESA-REDONDA // PARTICIPANTES

Ana Santos (CEAACP-UC)

André Santos (CEAACP-UC)

Maria de Jesus Sanches (CITCEM-FLUP)

Mariana Diniz (UNIARQ-FLUL)

Sérgio Gomes (CEAACP-UC)

08h – 9.30h

Diálogos sobre los límites de la Arqueología del territorio:

Del control a la delimitación a partir del análisis de arquitecturas, objetos y representaciones

Carolina Cabrero González

Entender cómo las sociedades del pasado experimentaron, utilizaron y transformaron su entorno permite aproximarnos tanto a su mundo material como cultural. El estudio de la relación con el territorio —desde la ocupación del espacio y la explotación de recursos hasta la creación de monumentos, expresiones artísticas o redes de poblamiento— ofrece una vía privilegiada para comprender cómo se construyeron y organizaron los espacios sociales. Sin embargo, esta aproximación no está exenta de limitaciones, como la sobre-representación de ciertos elementos (por su monumentalidad, visibilidad o tradición de estudio) frente a la escasa documentación de otros genera desequilibrios que condicionan nuestra visión del territorio.

Analizar la distribución de estructuras, la localización de yacimientos, la circulación de materias primas o la disposición de manifestaciones artísticas permite reconstruir estrategias de control, delimitación y sacralización del espacio. No obstante, estas interpretaciones dependen de marcos teóricos, escalas de análisis y registros fragmentarios que debemos someter a revisión crítica.

En las últimas décadas, la incorporación de tecnologías espaciales ha ampliado las posibilidades de detección, registro e interpretación, pero también ha introducido nuevos sesgos y desafíos conceptuales. ¿Cómo influyen estas herramientas en la construcción de los relatos arqueológicos? ¿Qué vacíos permanecen invisibles incluso con técnicas avanzadas?

El objetivo de esta sesión es abrir un diálogo sobre los límites de la arqueología del territorio, integrando estudios que aborden arquitecturas, objetos y representaciones, y reflexionen sobre cómo nuestras herramientas, categorías y datos condicionan lo que entendemos por territorio en el pasado.

MESA-REDONDA // PARTICIPANTES

Jesús Gámiz Caro

Saúco Sánchez Burgos

Werner Miguel Otte

Liliana Spanedda

Leonor Rocha

Juan Antonio Cámara Serrano

09.30h – 11h

Arqueología, Humanidades y epistemología de lo digital:

Una conversación sobre el sentido de pertinência

Sonia Medina Gordo, Esther Travé Allepuz

Hace algunos años, Jean-François Lyotard anticipaba que la informatización y la mercantilización del conocimiento transformarían radicalmente cómo éste se produce, legitima y distribuye. Su diagnóstico resuena con el panorama actual: la proliferación de voces, foros y comunidades que generan conocimiento de manera descentralizada ha multiplicado los espacios de circulación del saber científico. En este contexto, son muchas las disciplinas que han incorporado el uso de herramientas digitales en su trabajo diario, aunque estas prácticas no siempre se reconocen bajo una etiqueta consensuada. En el ámbito de los estudios sobre el pasado, es habitual que algunos investigadores se identifiquen bien como parte de las Humanidades Digitales, bien como parte de la Arqueología Digital. Otros, en cambio, prefieren no adoptar ninguna de estas denominaciones, pese a que sus resultados se articulan a través de las ciencias formales y el manejo de datos digitales. Esta tensión entre conocimiento, práctica e identidad plantea un interrogante básico: qué determina que alguien se considere parte de una comunidad, ¿su producción científica o la mera autodefinición?

En esta mesa redonda proponemos ir más allá de lo técnico para preguntarnos por qué lo digital parece operar como línea divisoria, y cómo ello influye en la manera en que se construye conocimiento. Para tal fin, el debate se centrará en cinco preguntas clave:

1. ¿Cómo cambian las formas de producir y valorar el conocimiento arqueológico en entornos digitales?
2. ¿Qué significa identificarse (o no) como arqueólogo digital o humanista digital?
3. ¿Qué se gana y se pierde al adoptar o rechazar etiquetas como “Arqueología Digital” o “Humanidades Digitales”?
4. ¿Cómo transforma lo digital la forma en que los investigadores sienten que pertenecen a una disciplina y no otra?
5. ¿En qué medida la eficacia, visibilidad y métricas sobre lo digital condicionan quién se considera parte de una comunidad?

MESA-REDONDA // PARTICIPANTES

Raquel Licerias Garrido

Pablo López Rubio

Patricia Martín Rodilla

Sonia Medina Gordo

11h-11h30m

Café

11h30 – 13h

Inteligência Artificial e o Futuro da Investigação do Passado

Vera Moitinho de Almeida, Ivo Santos, Carmen Cuenca-Garcia

A crescente integração da Inteligência Artificial (IA) na investigação arqueológica introduziu uma mudança de paradigma na forma como documentamos, analisamos e interpretamos o passado. Tecnologias como machine learning, deep learning e redes neuronais – anteriormente periféricas ou desconhecidas para a maioria dos arqueólogos – estão a ser aplicadas em diversos contextos, tais como: deteção automática de sítios arqueológicos mediante imagens de satélite, reconstrução digital e classificação de cerâmicas fragmentadas, extração de informação de textos históricos e inscrições, análise osteológica através de imagiologia 2D/3D e reconhecimento de padrões, e utilização de robótica para escavações e monitorização de sítios arqueológicos. Estes avanços prometem novos conhecimentos e eficiências anteriormente inatingíveis.

Contudo, a utilização da IA na arqueologia também levanta desafios significativos. Por um lado, persistem questões fundamentais sobre quais os problemas de investigação arqueológica mais adequados às abordagens baseadas em IA e como garantir a qualidade, representatividade e acessibilidade dos dados em que estes métodos se baseiam. Por outro lado, a IA coloca diversas questões éticas, epistemológicas e hermenêuticas cruciais, nomeadamente: como interpretar os resultados gerados por IA? Que enviesamentos estão incorporados nos dados de treino e nos algoritmos? E como garantir um acesso equitativo às ferramentas e infraestruturas de IA pelas comunidades científicas a nível global e cada vez mais transdisciplinares? Questões estas também abordadas na COST Action CA23141 “MAIA – Managing Artificial Intelligence in Archaeology” (2024-2028).

Esta sessão pretende promover um diálogo interdisciplinar entre arqueólogos, arqueólogos digitais/computacionais e cientistas informáticos. Convidamos propostas que apliquem IA em qualquer contexto espaço-temporal arqueológico, bem como aquelas que produzem, preparam e arquivam conjuntos de dados arqueológicos para aplicações com IA. Ao reunir perspetivas teóricas, metodológicas, técnicas e éticas, esta sessão incentiva uma reflexão crítica sobre as diferentes abordagens utilizadas, ao mesmo tempo que destaca as oportunidades e limitações da IA no apoio à investigação arqueológica.

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUCIONES

Agentic AI, Data Poisoning e caminhos para a qualidade de dados em Arqueologia

Daniel Carvalho (LASIGE, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa)

A explosão da utilização da Inteligência Artificial (IA) em praticamente todas as áreas do conhecimento tem vindo a levantar inúmeras questões face à sua segurança e aos problemas éticos que coloca. A emergência de agentes que, com recurso a modelos grandes de linguagem, atuam com algum nível de independência dos seus utilizadores, gera um momento essencial para o debate deste tema, em que a reflexão teórica deverá fazer-se acompanhar de metodologias e ações concretas para a prevenção do aumento da desinformação, corrupção ou mesmo de acidentes no mundo real. A Arqueologia não deve ser exceção, especialmente dada a sua componente de legacy data: dados históricos e arqueológicos que, se intencionalmente modificados para fins maliciosos, podem levar à

reescrita do passado e ao estabelecimento de novas “verdades”. Nesta comunicação, iremos debater o conceito de Agentic AI, os ataques aos modelos de IA - coloquialmente conhecido por data poisoning e prompt injection - e, através de problemas práticos relacionados com a extração de dados e construção de conjuntos de dados arqueológicos, como podemos prevenir e agir de modo a termos modelos mais limpos, seguros e alinhados com boas práticas científicas e sociais. Para este efeito, exploraremos duas vertentes. A primeira refere-se a exemplos de alteração de classificação de artefactos arqueológicos através de poison insertion attacks. A segunda verifica como chatbots podem modificar as suas respostas face à cronologia de sítios arqueológicos quando se utilizam prompt injection attacks e a facilidade de qualquer utilizador apagar ou alterar o passado. Finalmente, ao detetarmos as formas de como estes enviesamentos surgem, iremos igualmente oferecer soluções com recurso a data profiling e limpeza de dados, e debater como podemos dotar os arqueólogos dos conhecimentos necessários para combater estas atividades pejorativas e tirar o máximo partido dos benefícios destes agentes.

Una perspectiva computacional en Arqueología y dos modelos predictivos

Daniel Sánchez-Gomez (Uniarq, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Existen numerosos términos que se usan de manera equivalente para referirse a la aplicación de métodos computacionales en Arqueología: Arqueología Digital, Arqueo Informática, Arqueología Computacional, etc. Si bien esta diversidad terminológica evidencia la vitalidad del “giro digital” en la disciplina, a menudo estas definiciones permanecen en un nivel instrumental que obscurece la necesidad apremiante de teorizar lo digital señalada por diversos autores (Hinz et al., 2025; Perry and Taylor, 2018)

Partiendo de una definición formal del concepto de computación procedente de las ciencias de la Complejidad vinculada a la noción de procesamiento de información como característica fundamental de los sistemas sociales complejos,—incluidas las sociedades humanas pasadas o presentes— (Mitchell and Toroczkai, 2010; Wolpert and Harper, 2025), en esta ponencia se plantea la posibilidad de avanzar hacia una perspectiva computacional en Arqueología que trasciende la concepción instrumental e introduce un marco conceptual robusto que permite no solo estudiar procesos sociales en el pasado sino abordar dos debates centrales de la arqueología en la era del Big data: 1) la necesidad de cerrar brechas entre enfoques cuantitativos orientados a la generalización y cualitativos enfocados en las particularidades culturales, y 2) la discusión teórica sobre las implicaciones de los enfoques basados en grandes volúmenes de datos.

Bajo esta perspectiva, el desarrollo y uso de técnicas computacionales avanzadas como la IA en arqueología puede entenderse no como una mera “tendencia tecnológica”, sino como una respuesta al desafío fundamental que enfrentan los sistemas complejos al procesar crecientes flujos de información para adaptarse a su entorno (Mitchell and Toroczkai, 2010). Más allá del impacto mediático de la IA generativa, la contribución sustancial de estos métodos provienen -por ahora- de tareas fundamentales de computación: completar información fragmentaria mediante inferencias probabilísticas a menudo a través de la implementación de modelos predictivos. Como casos de estudio se presentan dos modelos enfocados en adornos personales prehistóricos: MACLAS (Sanchez-Gomez et al., 2024) y VORTEX (Sánchez-Gomez et al., 2026).

MACLAS utiliza aprendizaje supervisado para clasificar minerales a partir de datos

composicionales con información incompleta. VORTEX emplea algoritmos supervisados combinados con técnicas de explicabilidad basadas en la teoría de la información para inferir el origen geológico de artefactos de variscita, permitiendo reconstruir redes de circulación prehistórica. Ambos modelos generan inferencias probabilísticas complementarias en un flujo de trabajo ensamblado que mantiene al humano en el ciclo, ejemplificando cómo un enfoque de IA lenta puede integrarse en la investigación arqueológica conservando estándares éticos de ciencia abierta.

Referencias:

- Hinz, M., Kolář, J., Baumanova, M., Laabs, J., Wunderlich, M., Depaermentier, M., Kempf, M. (2025). Current Key Intersections between Theoretical and Computational Archaeology. *Advances in Archaeological Practice* 1–18. <https://doi.org/10.1017/aap.2025.10102>
- Mitchell, M., Toroczkai, Z. (2010). [Review of the book Complexity: A Guided Tour, by M. Mitchell]. *Physics Today* 63(47). <https://doi.org/10.1063/1.3326990>
- Perry, S., Taylor, J.S. (2018). “Theorising the Digital: A Call to Action for the Archaeological Community”. In: *CAA2016: Oceans of Data, Proceedings of the 44th Conference on Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology*, Matsumoto, M., Uleberg, E. (Eds.). Archaeopress, pp. 11–22. <https://doi.org/10.2307/jj.15135958.5>
- Sánchez-Gomez, D., Garrido-Cordero, J.Á., Martínez-Blanes, J.M., García, R.V., Edo i Benaiges, M., Sousa, A.C., Zambrana Vega, M.D., Borrell, F., Barroso Bermejo, R., Bueno Ramírez, P., Odriozola, C.P. (2026). A forest of green beads: A machine-learning based framework to determine the geological provenance of prehistoric variscite artifacts. *Journal of Archaeological Science* 185:106428. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2025.106428>
- Sanchez-Gomez, D., Lloret, C.P.O., Sousa, A.C., Garrido-Cordero, J.Á., Romero-García, G., Martínez-Blanes, J.M., Edo Benaiges, M., Villalobos-García, R., Gonçalves, V.S. (2024). A supervised multiclass framework for mineral classification of Iberian beads. *PLOS ONE* 19:e0302563. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0302563>
- Wolpert, D., Harper, K. (2025). The Computational Power of a Human Society: a New Model of Social Evolution. *Cliodynamics* 16(1):69-122. <https://doi.org/10.21237/C7clio.48373>

O projeto RA3I: Rock Art Analysis with Artificial Intelligence

Sara Garcês^{1,2,3}, Luiz Oosterbeek^{1,2,3}, Hipólito Collado^{2,3}, Hugo Gomes^{1,2,3}, Sandra Jardim⁴, Carlos Mora¹, Dionysios Danelatos^{1,2,3,5}, Noélia Priego^{2,3,5}

1 Instituto Politécnico de Tomar

2 Instituto Terra e Memória

3 Centro de Geociências

4 Centro de Investigação em Cidades Inteligentes, Instituto Politécnico de Tomar

5 Universidade Autónoma de Lisboa

O projeto “Rock Art Analysis with Artificial Intelligence” (RA3I), financiado pelo programa Portugal 2030, tem como objetivo integrar a Inteligência Artificial (IA) na investigação arqueológica, de modo a superar os desafios associados à gestão e interpretação de vastos conjuntos de dados de arte rupestre.

O corpus documental utilizado é composto por fotografias de painéis que incluem figuras de arte esquemática peninsular, bem como pinturas e gravuras paleolíticas da Península Ibérica, provenientes de coleções privadas de fotografias de investigadores e instituições.

O conjunto de dados inclui também pinturas do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Brasil, bem como dados extraídos de bibliografia específica sobre estas cronologias. Este acervo, sob a curadoria do Instituto Terra e Memória, foi selecionado com base em critérios de autenticidade e representação simbólica. Também se teve atenção à variedade tipológica e técnica da arte rupestre.

A metodologia recorre, numa primeira fase, à construção dos conjuntos de imagens de referência, os quais são vitais para o treino, teste e validação dos algoritmos e modelos de IA a implementar. Foram construídos dois conjuntos de dados de referência, sendo o primeiro destinado ao treino, teste e validação do modelo automático de filtragem de imagens de pinturas de arte rupestre, o qual consistiu na produção de imagens filtradas por especialistas em arqueologia, recorrendo ao software DStretch. Este conjunto de imagens permitiu o desenvolvimento de uma arquitetura multi-etapas de filtragem automática de imagens de pinturas de arte rupestre, onde coexistem algoritmos/modelos de IA – como o modelo de classificação Random Forest, que permite a classificação automática dos pigmentos presentes na pintura, e o modelo DINO, que permite a extração de características de elevada complexidade de imagens, entre outros. Numa segunda fase, foi construído um conjunto de imagens de pinturas de arte rupestre anotadas, com vista à implementação de uma arquitetura de deteção, segmentação e classificação de motivos de arte rupestre, onde, entre outras técnicas de IA, se encontra integrado o modelo YOLO. Para a anotação destas imagens, a equipa de especialistas em arqueologia utilizou a plataforma Roboflow para anotar figuras presentes em imagens de pinturas de arte rupestre. O RA3I concentra-se também na conversão automática de imagens para formatos escaláveis e na aplicação de técnicas de mineração de dados para identificar padrões estilísticos e fluxos migratórios. Esta abordagem visa reduzir a subjetividade e a morosidade dos processos manuais, oferecendo uma ferramenta sistemática que aumenta a capacidade dos arqueólogos na preservação da cultura visual antiga.

Agradecimentos:

O RA3I é um projeto financiado pelo Portugal 2030, com um investimento total de 1.436 milhões de euros. É desenvolvido por um consórcio liderado pela empresa “TechFrame”, que inclui o Instituto Politécnico de Tomar e o Instituto Terra e Memória. Sara Garcês, Luiz Oosterbeek, Hipólito Collado e Hugo Gomes são apoiados por fundos portugueses da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (Portugal), no âmbito dos projetos UIDB/00073/2025 e UIDP/00073/2025 da unidade de I&D do Centro de Geociências (Universidade de Coimbra, Portugal).

Deteção automática de povoados fortificados através de deteção remota, machine learning e modelos preditivos

João Fonte¹, Daniel Canedo², Roberto Castro², Tiago do Pereiro¹, Rita Dias¹, António Neves²

1 ERA Arqueologia, S.A.

2 IEETA, Universidade de Aveiro

A deteção automatizada de sítios arqueológicos está a ser impulsionada pela sinergia entre a deteção remota e a Inteligência Artificial (IA). Historicamente, a interpretação de imagens remotas era um desafio moroso, dependente em grande medida da experiência de um especialista. No entanto, avanços recentes resultaram no desenvolvimento de sistemas sofisticados de visão por computador que aceleram o trabalho de mapeamento. Num trabalho recentemente publicado, propomos um modelo de segmentação semântica multimodal,

integrando de forma eficiente dados de múltiplas fontes, nomeadamente imagens derivadas de dados LiDAR e ortofotografias aéreas, para a deteção automatizada de povoados fortificados, que se caracterizam por formas complexas e diversificadas (Canedo et al., 2025).

Para garantir a precisão e a escalabilidade destes modelos, é essencial mitigar o problema do elevado número de falsos positivos, uma ocorrência comum em modelos de aprendizagem profunda aplicados a vastas áreas. O método adotado envolve o treino intencionalmente enviesado para exemplos negativos (áreas que não contêm castros) e, crucialmente, um processo iterativo de human-in-the-loop. Esta etapa exige que arqueólogos especialistas classifiquem as inferências do sistema, fornecendo novos dados de treino para o seu refinamento contínuo. A eficácia desta abordagem permitiu uma redução drástica de 99,3% nos falsos positivos.

Para otimizar ainda mais o processo e torná-lo viável em grandes territórios, o trabalho futuro irá focar-se na integração de modelos preditivos. Estes modelos funcionam como um filtro estratégico, cruzando variáveis ambientais, como topografia, hidrologia e geologia, entre outras, para gerar mapas de potencial arqueológico. Estes mapas classificam o território, destacando as regiões com maior probabilidade de existirem povoados fortificados. Ao focar a pesquisa apenas nestas zonas de alto potencial, o tempo de processamento dos modelos de aprendizagem profunda é significativamente reduzido, e a taxa de sucesso na deteção é maximizada, otimizando-se tempo e recursos.

Canedo, D., Fonte, J., Dias, R., Pereiro, T., Gonçalves-Seco, L., Vázquez, M., Georgieva, P. & Neves, A. (2025). Automated Detection of Hillforts in Remote Sensing Imagery with Deep Multimodal Segmentation. *Archaeological Prospection* 32: 297-311. <https://doi.org/10.1002/arp.1958>

13h – 14h30

Almoço

14h30 – 16h

Sex Gender and the City: Dinámicas de Género en la Emergencia y Desarrollo del Mundo Urbano en la Península Ibérica (y Más Allá)

Francisco B. Gomes¹, Carmen Ramírez Cañas², Sonia López-Chamizo³

¹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

² Universidad de Sevilla

³ Universidad de Málaga

Uno de los resultados de la creciente interconectividad del Mediterráneo en el I milenio a.n.e. fue la rápida difusión del modo de vida urbano, que en muchas regiones sustituyó la organización aldeana. Este proceso, aún en debate por su origen, transmisión e impacto económico, territorial y político, transformó también la vida cotidiana, los cuerpos y las relaciones de poder. Fue un fenómeno multiescalar y relacional, donde la reconfiguración de roles, jerarquías y prácticas de género, junto con marcos ideológicos y culturales diversos, redistribuyó la agencia e inscribió en cuerpos y materialidades relaciones de poder, en un paisaje donde distintas dicotomías – rural/urbano, doméstico/público, productivo/reproductivo – coexistieron en múltiples temporalidades.

Los discursos sobre el origen y desarrollo de la ciudad han priorizado el análisis de su impacto económico y territorial, así como la producción artesanal y las instituciones públicas como indicadores de urbanidad. Esta mirada, heredera de ontologías parciales, ha codificado la agencia histórica como masculina, relegando a los espacios domésticos,

a las economías de mantenimiento y al trabajo reproductivo a un lugar subalterno. Se mantiene la dicotomía entre público y doméstico como jerarquía y no como entramado de espacios en interacción constante, donde se generan y negocian saberes, poder y memoria. La Arqueología de Género, junto con novedosas metodologías analíticas, permite reevaluar el papel de los espacios domésticos, explorar sinergias entre actividades artesanales y de mantenimiento e incorporar las estructuras familiares y la reproducción social en el discurso, reconociendo la agencia de quienes fueron marginados en los relatos urbanos. Ese es el cometido de esta sesión, que pretende reunir reflexiones críticas —desde la Arqueología, la Bioantropología y disciplinas conexas— sobre el papel de las dinámicas de género en la emergencia de la ciudad y visibilizar la pluralidad de experiencias que construyeron este orden urbano como realidad social, económica, política e ideológica.

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUCIONES

De cabañas de postes a aldeas de casas de adobe: una lectura desde la arqueología feminista del tránsito entre el II y el I milenio a. C. en la cuenca del Duero

Alejandra Sánchez Polo (Universidad de Valladolid)

Hace quince años, Antonio Blanco-González publicaba “From huts to the house: the shift in perceiving home between the Bronze Age and the Early Iron Age in Central Iberia (Spain)” (OxJArch). La aportación de este trabajo fue clave para comprender las transformaciones de las comunidades de la Meseta y ha nutrido la Arqueología Social, pero se articulaba en torno a una casa neutra desde la que pensar continuidades y cambios entre el II y el I milenio a. C.

Este trabajo retoma ese debate desde la arqueología feminista, desplazándolo al plano socio-político e incorporando explícitamente las dinámicas de género. Se plantean nuevas preguntas: ¿podemos asociar la construcción de las viviendas a determinados géneros o grupos de edad?, ¿y su mantenimiento?, ¿es posible rastrear cambios en estas asignaciones? Asimismo, se cuestiona la identificación automática de la casa con un espacio “privado” ligado al cuidado pero ajeno a la toma de decisiones.

A partir de estudios de caso en la cuenca del Duero y de metodologías analíticas, se propone una lectura renovada de las arquitecturas domésticas entre el final de la Edad del Bronce y el inicio de la Edad del Hierro, explorando su papel en la configuración de formas de organización socioespacial.

It Takes a Village – or a City: Uma Reflexão Diacrónica sobre Produção Têxtil, Trabalho Feminino e as Dinâmicas de Género na Génese do Mundo Urbano no Sudoeste Peninsular

Francisco B. Gomes¹, Catarina Costeira^{1,2}

1 UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

2 Município de Sintra

A hipótese dominante sobre a génese do mundo urbano no Sudoeste Peninsular assume que esta decorre da introdução de um modelo de cidade oriental, operada através da presença fenícia. Entre as características desse modelo conta-se a ideia de que a emergência da cidade implica também uma transição nos modos de produção artesanal, com uma perda generalizada da importância da produção doméstica face à emergência de ateliers especializados.

Esta visão traz associadas implicações relativas aos papéis de género neste processo de transição, contribuindo para uma secundarização do papel feminino na emergência das cidades e na economia dos primeiros aglomerados urbanos. Esta apresentação pretende contribuir para contrabalançar esta visão, tomando como prisma de análise a produção têxtil.

Propõe-se, para o efeito, a adoção de uma perspetiva comparativa de longa duração, contrastando os modos, contextos e escalas da produção têxtil da Idade do Bronze (2200-800 a.n.e.) com os da Idade do Ferro (800-150 a.n.e.). Esta atividade produtiva oferece um prisma alternativo de leitura, onde as continuidades com a realidade anterior são mais apreciáveis. A sua análise sugere que os sistemas económicos dos primeiros centros urbanos assentam num entramado de esferas produtivas interdependentes, em que o trabalho doméstico e feminino assume um papel destacado.

Las necrópolis como espacios de aprendizaje y transmisión social en contextos en zonas de contacto de la fachada mediterránea peninsular (ss. IX-VI a.C.)

Lorena Marín Muñoz (Universitat Pompeu Fabra (UPF). Grup de Recerca GRACME)

A partir de los modelos de aprendizaje ambiental (Rockman, 2003, 2009, 2012) y de las comunidades de práctica (Lave & Wenger, 1991; Wenger, 1998), se argumenta que los espacios funerarios generan y transmiten saberes técnicos, culturales y sociales mediante la práctica corporal. En conjunto, la necrópolis emerge como un paisaje ritual capaz de configurar y transformar las dinámicas sociales y de género en contextos de interacción intercultural.

Esta comunicación propone interpretar el paisaje funerario como un espacio de aprendizaje cultural y de transmisión de conocimientos estrechamente vinculado a los procesos sociales asociados a la emergencia de entornos urbanos y proto-urbanos en la fachada mediterránea peninsular (ss. IX–VI a. C.). Desde la arqueología del paisaje y, en particular, desde la teoría ambiental de Rapoport (1988, 1990), la necrópolis se concibe como un entorno socialmente codificado que comunica significados mediante la organización del espacio, la materialidad y los gestos rituales. De este modo, funciona como un sistema formativo que orienta comportamientos y distribuye agencia, inscribiendo en cuerpos y prácticas relaciones de poder y de género.

Integrando las aportaciones teóricas relacionadas con el paisaje y la memoria (Arnold, 2002; Bradley, 2000, 2001; Connerton, 1999; Jones, 2007; Knapp & Ashmore, 1999; Tilley, 1994; entre otros), se aborda el paisaje funerario como un ámbito mnemotécnico que constituye una red de significados en la que tumbas, caminos y elementos naturales enseñan a los participantes cómo moverse, sentir y actuar en relación con la muerte y con las normas sociales. Se presta especial atención a las necrópolis situadas en zonas de contacto cultural (Pratt, 2010), entendidas como escenarios colectivos, socializadores y dinámicos en los que confluyen actores de diferentes orígenes, edades y sexos, dando lugar a auténticas comunidades de práctica funeraria. La configuración del paisaje funerario, junto con las tumbas y las estructuras asociadas o conmemorativas, se interpreta como un conjunto de dispositivos de transmisión de conocimientos y de aprendizaje de las prácticas que caracterizaron a las comunidades que habitaron estas áreas de contacto en la fachada mediterránea peninsular entre los siglos IX y VI a. C.

Referencias bibliográficas:

- Arnold, B. (2002). A Landscape of Ancestors: The Space and Place of Death in Iron Age West-Central Europe. En *The Space and Place of Death* (pp. 129-143).
- Bradley, R. (2000). *An Archaeology of Natural Places*. Routledge.
- Bradley, R. (2001). *The Significance of Monuments: On the Shaping of Human Experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. Routledge.
- Connerton, P. (1999). *Como as sociedades recordam* (2a ed. Tradução de Maria Manuela Rocha; revisão técnica de José Manuel Sobral). Oeiras: Celta Editora.
- Jones, A. (2007). *Memory and Material Culture*. Cambridge University Press.
- Knapp, A. B., & Ashmore, W. (1999). Archaeological Landscapes: Constructed, Conceptualized, Ideational. En *Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives* (pp. 1-30).
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Aprendizaje situado: Participación periférica legítima*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pratt, M. L. (2010). *Ojos imperiales: Literatura de viajes y transculturación* (O. Castillo, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. Fondo de Cultura Económica.
- Rapoport, A. (1988). Levels of Meaning in the Built Environment. En *Cross-Cultural Perspectives in Nonverbal Communication* (pp. 317-336). C. J. Hogrefe.
- Rapoport, A. (1990). *The Meaning of the Built Environment: A Nonverbal Communication Approach*. University of Arizona Press.
- Rockman, M. (2003). Knowledge and learning in the archaeology of colonization. En *Colonization of Unfamiliar Landscapes: The Archaeology of Adaptation* (editado por Marcy Rockman & James Steele) (p. pp. 3-24). Routledge.
- Rockman, M. (2009). Landscape Learning in Relation to Evolutionary Theory. En *Macroevolution in Human Prehistory: Evolutionary Theory and Processual Archaeology* (editado por Anna M. Prentiss, Ian Kuijt y James C. Chatters, pp. 51-71). Springer.
- Rockman, M. (2012). Apprentice to the Environment: Hunter- Gatherers and Landscape Learning. En *Archaeology and Apprenticeship: Body Knowledge, Identity, and Communities of Practice* (Willeke Wendrich, pp. 99-118). University of Arizona Press.
- Tilley, C. (1994). *A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments*. Berg.
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge University Press.

Bones in the City: género, cuidados y memoria en la construcción urbana de Malaka

Sonia López-Chamizo (Universidad de Málaga)

En el marco del proyecto colonial fenicio, la ciudad de Malaka se configuró como un espacio donde la vida y la muerte, lo doméstico y lo público, lo productivo y lo reproductivo, se entrelazaron en un mismo tejido urbano. Los huesos —como materialidad arqueológica y metáfora de las estructuras que sostienen la ciudad— revelan la dimensión corporal de la construcción urbana y nos permiten explorar cómo las dinámicas de género, las redes de cuidados y las políticas de memoria moldearon la experiencia urbana.

Esta comunicación examina el papel de los espacios funerarios en la configuración social y simbólica de la ciudad, integrando datos bioarqueológicos, paleogenómicos y contextuales para visibilizar la pluralidad de sujetos que participaron en la vida urbana y en su memoria. Desde la Arqueología de Género y perspectivas decoloniales e interseccionales, se analiza cómo las prácticas de cuidado y reproducción social fueron infraestructuras políticas y económicas esenciales para la ciudad antigua.

Malaka, situada en los márgenes occidentales del Mediterráneo, se presenta aquí como un laboratorio privilegiado para comprender la intersección entre género, cuidados y memoria en el urbanismo antiguo. Los “bones in the city” funcionan como testigos materiales de un orden en constante negociación, donde el cuerpo —en vida y en muerte— constituye un agente activo en la producción y transformación del espacio urbano.

Who Raises the City? Ritual, cuidado y género en los espacios de culto de la bahía de Cádiz fenicio-púnica y su hinterland

Carmen Ramírez Cañas (Universidad de Sevilla)

Esta comunicación propone reinterpretar los espacios culturales fenicio-púnicos del sur de la Península Ibérica como espacios donde se articularon prácticas de aprendizaje social, corporal y material estrechamente vinculadas a los procesos de (re)urbanización, especialmente a partir del siglo III a. n. e. Frente a las lecturas tradicionales que los han entendido como ámbitos esencialmente públicos, institucionales y masculinizados, se plantea que estos espacios rituales integraron de manera activa prácticas domésticas, reproductivas y de mantenimiento, desempeñando un papel central en la reproducción social y simbólica del orden urbano en un momento de profunda reconfiguración política y territorial.

El análisis se centra en la participación reiterada en rituales que implicaron la preparación y el consumo de alimentos, la quema de sustancias aromáticas, la deposición de objetos personales y miniaturas, la manipulación de figurillas y la ejecución de gestos rituales. Estas prácticas, inscritas en cuerpos, objetos y espacios, transmitieron saberes técnicos, sociales y normativos, contribuyendo a la construcción de identidades, a la negociación de roles de género y a la distribución de agencia en contextos urbanos y periurbanos.

A partir del estudio de santuarios fenicio-púnicos del ámbito gaditano, se observa que desde el siglo III a. n. e. se intensifica la presencia de imaginería femenina y de objetos vinculados al cuidado, la fertilidad, la maternidad y los ciclos vitales. Figurillas femeninas, pebeteros con cabeza femenina, fusayolas, joyas y ofrendas miniaturizadas permiten rastrear la incorporación de gestos y preocupaciones propias de la esfera doméstica al ámbito ritual, resignificándolos como prácticas de mediación con lo sagrado y de cohesión comunitaria.

Entendidos como paisajes socialmente codificados, estos espacios de culto enseñaron a moverse, sentir y actuar en relación con lo sagrado, lo urbano y lo socialmente normativo. En las zonas de contacto, funcionaron como espacios multiescalares y socializadores donde confluyeron mujeres, niños y hombres de distintos orígenes, dando lugar a comunidades rituales dinámicas.

Hacer ciudad más allá del falo

elías brosseise (Universidad de Málaga)

¿Es factible abstenerse de los indicadores falocéntricos del urbanismo funcionalista a través de los que acostumbramos mirar la polis? Es decir, ¿hay manera de dejar de privilegiar lo erecto (sic)? En este comunicado me interesa intentar compartir una idea simple, pero incómoda: existen formas de habitar que no pasan por lo masculino. Ya a finales de los años 50's del siglo pasado, la Internacional Situacionista nos obsequió con respecto a lo urbano tres intuiciones valiosas (Debord 1956, Jorn 1957):

El espacio no es un contenedor: es un agente activo.

La subjetividad no precede al entorno: se produce con este.

La experiencia urbana es un campo de lucha: no un simple escenario.

En la Atenas de época helenística el Jardín de Epicuro, un espacio extramuros, quizás cerca de la Puerta Dipylon, de meretrices, esclavos y tullidos, quiebra el imaginario más blanco del logos público-discursivo. Al oriente, en el entorno de la Puerta Diomeia, otro jardín, el del peripatético Teofrasto. Ambos son tecnologías relacionales (Puig de la Bellacasa, 2017) que hacen posible la circulación de saberes, personas, plantas, clasificaciones, afectos. Tecnologías, sin duda, atravesada por el género. Conviene entenderlos como un *oïkos* ampliado que refracta (Barard 2007) prácticas tradicionalmente domésticas para dejar en evidencia que la frontera público/privado no alcanza a describir la totalidad de la realidad urbana. En ambos casos cohabitan lo vegetal, lo humano, lo extranjero, lo feminizado, fracturando la lógica cívica de Atenas. Se trata de ensamblajes heterogéneos, liminales, micro-urbanismos, espacios de mezcla, artefactos político-epistémicos. De allí el valor de volver a estos jardines hoy: porque en ellos resuenan preguntas por los criterios con que definimos la ciudad, la ciudadanía y lo que cuenta como producción legítima.

16h – 16h30m

Café

16h30 – 18h

Teoría y métodos en evolución cultural:

Aproximaciones al registro

Rocío Andújar Pareja¹, Gonzalo Herrero Ortega²

1 Universidad de Tübingen

2 Universidad de Sevilla

La biología y la arqueología no son disciplinas ajenas a la teoría de la evolución, sino que son campos que muestran coherencias y relaciones entre sí. Los procesos de variación, selección y herencia (los grandes pilares de la evolución biológica) no sólo afectan a los genes, sino también a los rasgos culturales, desde las herramientas y la tecnología, hasta las formas de organización social.

Un enfoque evolucionista e interdisciplinar permite entender cómo ciertas prácticas culturales y sociales se difunden, persisten o desaparecen con el tiempo, del mismo modo que lo hacen los rasgos biológicos en la naturaleza. Estas prácticas, que aparecen reflejadas en la diversidad del complejo registro arqueológico, han sido estudiadas durante los últimos veinte años mediante diversos modelos que pretenden explicar su diversidad, atendiendo a las dificultades de la naturaleza del registro y de la transmisión de rasgos culturales. Procesos como la transmisión sesgada, la acumulación temporal de palimpsestos y la equifinalidad ponen de relieve la necesidad de una teoría evolucionista hecha a medida para la arqueología.

Esta sesión busca recopilar trabajos que ponen de manifiesto la fertilidad de la teoría de la evolución, concretamente, para resolver incógnitas arqueológicas y evidencien el abarcamiento inter y multidisciplinar de la teoría evolutiva. Aquí se incluyen tanto investigaciones puramente teóricas como aproximaciones desde la realidad empírica de cualquier campo de la arqueología.

Cálculos de entropía y redes de sitios arqueológicos. Midiendo la tasa de cambio de información arqueológica a escalas territorial e intrasite en el marco de la Arqueología Darwiniana

Luis-Gethsemaní Pérez-Aguilar (Universidad de Granada)

La integración entre la termodinámica del no equilibrio y la teoría de construcción de nichos permite comprender que las redes de asentamientos arqueológicos, inscritas en paleoecosistemas concretos, están sometidas a presiones selectivas que favorecen determinadas estrategias de ocupación y de modificación del entorno frente a otras. Estas presiones actúan a nivel poblacional en función del balance energético disponible, condicionado tanto por el metabolismo endosomático como por el exosomático de los grupos humanos. Desde la Arqueología Darwiniana, esto exige herramientas cuantitativas capaces de estimar las tasas de cambio de los sistemas poblacionales, tanto en redes territoriales como en nodos individuales. Proponemos explorar la definición generalista de entropía desarrollada por Arieh Ben-Naim (2008), que permite evaluar variaciones de información sin recurrir a interpretaciones termodinámicas estrictas. Aplicamos este enfoque al análisis de una red de asentamientos y de un yacimiento específicos del suroeste de la península ibérica, mostrando su potencial para medir dinámicas de cambio en sistemas arqueológicos.

La tercera síntesis, o qué sea la arqueología evolutiva

José Luis Escacena Carrasco (Universidad de Sevilla)

La teoría de la evolución por selección explicó inicialmente los cambios somáticos de los organismos. Surgida en la biología, después fertilizó otras disciplinas distintas, lo que garantiza su alta calidad epistémica. El primer encuentro la fundió con la genética, dando lugar a la llamada “Síntesis”. Produjo así el Neodarwinismo. Una segunda hibridación nació en los Estados Unidos de América al aplicarse la teoría darwinista a la conducta innata, originando la Sociobiología. Desde finales del siglo XX se ha desarrollado una tercera síntesis, que funde el darwinismo llegado hasta hoy con el estudio del comportamiento aprendido y que ha generado la Arqueología Evolutiva (AE).

La AE no es una nueva teoría arqueológica. Niega que los humanos incumplan las leyes naturales, así que no necesitan una ciencia especial para ellos. Rechaza las perspectivas antropológicas nacidas para explicar sólo nuestra evolución cultural. Es simple darwinismo aplicado al análisis y transmisión de la conducta heredada por aprendizaje. Las explicaciones darwinianas del cambio tecnológico son exclusivas de los estudios arqueológicos. La AE da cuenta de la evolución de los elementos inorgánicos que nos adaptan al medio y la adecuación de éste a nuestras necesidades. Sólo somos animales que formamos parte de los ecosistemas que habitamos.

Arqueología evolutiva hoy: notas reflexivas y ejemplos

Daniel García Rivero (Universidad de Sevilla)

Se reflexiona sobre la trayectoria de la Arqueología evolutiva en los últimos 50 años,

concluyendo cuáles caminos han sido más o menos relevantes.

Asimismo, se facilita un estudio caso en que se pone de manifiesto la importancia de las técnicas y métodos de secuenciación evolutivos en Arqueología.

La Arqueología Evolutiva y el Neolítico europeo: pasado, presente y perspectivas de futuro

Alberto K. Cooper Pedrote, Juan Antonio Fernández Morales (Universidad de Sevilla)

La Arqueología Evolutiva ha desempeñado un papel central en la interpretación de uno de los procesos más transformadores de la Prehistoria europea: la transición neolítica. De cara a esta presentación, se tratará el pasado, presente y futuro de diferentes estudios que tienen como paraguas teórico a la arqueología evolutiva.

Los primeros trabajos de Arqueología Evolutiva aplicada al Neolítico pueden situarse a partir de los años setenta del siglo XX. Obras fundamentales como las de Rindos (1984) y los modelos propuestos por Ammerman y Cavalli-Sforza (1971, 1984) marcaron un punto de inflexión al integrar datos arqueológicos, antropológicos, biológicos y demográficos, sentando las bases de una primera aproximación interdisciplinar.

En el presente, los enfoques evolucionistas se han visto reforzados por la incorporación de nuevos datos -botánica, zoología, ADN antiguo, análisis isotópicos, entre otros- que han permitido formular explicaciones sobre la dispersión neolítica y la variabilidad regional (Bentley, et al., 2014; Shennan 2018). Al igual que nuevas metodologías computacionales y analíticas, como la modelización espacial y demográfica, la estadística avanzada y el análisis de grandes bases de datos (ver p.e, LaPolice et al., 2025).

De cara al futuro, la arqueología evolutiva ofrece un marco especialmente prometedor para abordar cuestiones fundamentales aún abiertas, como la interacción entre adaptación ecológica y transmisión cultural, o la resiliencia y sostenibilidad de los primeros sistemas agropecuarios.

20h30

Visita nocturna (Sessão golfa, Évora de noite / Sesión golfa, Évora de noche)



08h – 9h30

Entre tiempos.

Interpretación y usos de los periodos de transición desde una perspectiva teórica

Pablo González Zambrano¹, Araceli Cristo Ropero¹, Arturo García López², Manuel Abelleira Durán³

¹ Universidad de Granada

² Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC

³ Universidad de Sevilla

Esta mesa convoca contribuciones que interpreten las transiciones históricas -del Bronce Final al Hierro I, del Hierro I al II, la romanización y la tardoantigüedad- desde los procesos entendidos como reconfiguraciones de las formaciones sociales, donde la técnica, la ideología y las prácticas sociales se articulan con las relaciones de producción y reproducción social. Se subraya que estas transiciones deben abordarse como procesos históricos concretos, atravesados por la praxis colectiva de los sujetos sociales en condiciones determinadas, en los que las contradicciones internas impulsan el cambio.

Las redes (de personas, objetos, lugares y significados) se entienden aquí como instrumentos analíticos para reconstruir cómo se organizan, distribuyen y transforman las relaciones sociales. Los grafos, métricas y ensamblajes tienen sentido en la medida en que permiten visibilizar contradicciones históricas, a saber, quién concentra excedente, quién media su redistribución, qué nodos sostienen coerción o legitimación ideológica, etc. En este marco, el análisis relacional no sustituye al proceso histórico, sino que se integra en una explicación dialéctica de la totalidad concreta.

Se alientan estudios que:

- Modelen redes multiplex (artefactos–prácticas–lugares–códigos) incorporando atributos de clase, propiedad, modos de trabajo, de forma que las centralidades o intermediaciones se interpreten en clave socioeconómica.
- Introduzcan temporalidad explícita articulada con criterios de periodización socioeconómica: intensificación del trabajo agrícola, estandarización productiva, monetización, escritura, fiscalidad, reordenación del poblamiento. Se valorarán especialmente las propuestas que comprendan estas temporalidades como momentos contradictorios del proceso histórico, y no como simples fases sucesivas.
- Integren arqueometría, epigrafía o iconografía como vías para conectar decisiones técnicas con relaciones sociales de producción e ideología materializada.
- Comparen distintas regiones (Alentejo, Guadiana, Guadalquivir, Meseta, Levante, Baleares, Atlántico/Mediterráneo), evitando paralelismos planos y destacando diferencias en modos de vida y estructuras económicas y poder. El análisis comparado debe contribuir a explicar cómo distintas praxis sociales, insertas en formaciones concretas, producen resultados diferenciados.

Preguntas guía: ¿Dónde cambian las centralidades y mediaciones al pasar de un umbral a otro? ¿Qué vínculos débiles y mediadores sostienen innovaciones técnicas y qué dispositivos garantizan su mantenimiento? ¿De qué modo estas mediaciones expresan las contradicciones de clase y las estrategias de dominación o resistencia? ¿Cómo se combinan persistencias campesinas con hibridaciones coloniales? ¿Qué indicadores materiales permiten captar mejor

los ritmos y desfases sociales (tiempo de trabajo, estandarización, fiscalidad, monetización, escritura, arquitectura, paisajes productivos)?

Resultado esperado: Un protocolo compartido para leer las transiciones como reconfiguraciones históricas de redes socio-técnicas e ideológicas, vinculadas a los cambios en las relaciones de producción y en la apropiación del trabajo. El énfasis estará en reconstruir la praxis como motor del proceso histórico, de manera que las redes se comprendan siempre como mediaciones en una totalidad concreta y contradictoria. El repositorio abierto (OSF/ GitHub) incluirá plantillas, datasets y scripts reproducibles que integren no solo métricas de red, sino también variables socioeconómicas y criterios de periodización.

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUCIONES

Ponencia invitada de Andrés María Adroher (Universidad de Granada)

La Protohistoria como periodo entre tiempos siendo un tiempo en sí mismo

Ponencia invitada de Javier Martínez Jiménez (Universidad de Granada)

Bisagras, pivotes y escalas de grises. Teorizando la arqueología de periodos entre tiempos

Comunicación de Raquel San Quirico García (Universidad de Alicante)

Metodologías de análisis y propuestas de organización social durante la Primera Edad del Hierro en el sureste de la península ibérica

Comunicación de Pablo González Zambrano (Universidad de Granada)

Tarteso, la leyenda del tiempo. Usos y abusos de la Protohistoria en la construcciones arqueológicas

Comunicación de Araceli Cristo Roper (Universidad de Granada)

Usos y desuso de las identidades liminares en la Protohistoria

Comunicación de Arturo García López (Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC)

Ordenar el espacio, cambiar la sociedad: territorio y relaciones sociales en el tránsito Bronce Final-Hierro Antiguo

Comunicación de Manuel Abellería Durán (Universidad de Sevilla) y Arturo García López (Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC)

El materialismo histórico como teoría para el análisis de los periodos de transición

9h30 – 11h

Quando as Palavras Fazem o Tempo:

Colapsos, resistências e outras formas de inventar as narrativas em Arqueologia

Ana Catarina Basílio^{1,2,3,4}, Pablo Sánchez de Oro⁵, Gil Vilarinho⁶, Nelson Almeida^{6,7,8}

1 Universidade de Évora

2 Municipality of Reguengos de Monsaraz

3 Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB)

4 Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)

5 Universidad Autónoma de Madrid

6 Universidade de Évora, Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA)

7 Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq)

8 Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território (IN2PAST)

As narrativas arqueológicas são construídas a partir de palavras que raramente são neutras: cada termo carrega implicações teóricas, políticas e epistemológicas. Este vocabulário molda não só a forma como pensamos o Passado, mas também como projetamos o Presente e imaginamos o Futuro.

Esta sessão propõe uma reflexão crítica sobre os conceitos através dos quais organizamos e interpretamos o tempo em Arqueologia, em particular no contexto ibérico, mas com ressonância mais ampla. Pretende-se discutir tanto o potencial criativo dessas categorias como os seus limites e ambiguidades. O debate convida a questionar: o que implica falar de colapso em vez de recomposição? De ruptura em vez de metamorfose?

Mais do que procurar definições fechadas, interessa explorar as repercussões destas escolhas discursivas e as diferentes Arqueologias que delas podem emergir. Através do diálogo coletivo, procuraremos discutir alternativas e informar cenários que nos ajudem a pensar de forma mais inclusiva e situada os múltiplos “tempos” com que trabalhamos. Propomos, assim, abrir um espaço de experimentação teórica e metodológica, onde a linguagem se torne não apenas instrumento de descrição, mas também terreno de disputa saudável e criação crítica. Convidam-se reflexões, casos de estudo e propostas que questionem categorias naturalizadas e explorem novas formas de narrar mudança, continuidade e temporalidades diversas do passado.

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUCIONES

Identificar los cambios, crisis y colapsos

Francisco Sánchez Díaz (Universidad de Sevilla)

El concepto de “colapso” ha tenido un gran éxito científico y mediático porque entronca con nuestros miedos a que caigamos en un mundo “postapocalíptico”. Este éxito ha conducido a un abuso del término y a un “colapsismo” extendido, que suele confundir las crisis con los colapsos propiamente dichos. Además se incurre en numerosas ocasiones en un reduccionismo en cuanto a sus causas y factores, a menudo asociado a un determinismo climático. Frente a este “colapsismo” hay que tener en cuenta que todos los finales no son colapsos, ya que estos se definen por su carácter súbito, destructivo e irreversible. Las evidencias arqueológicas de un proceso de colapso -ya sea de un asentamiento, de un estado, de un imperio o de una cultura- requieren en primer lugar una cronometría precisa, para ordenar correctamente las causas y los efectos. Además hay que considerar, junto a los factores climáticos, otras circunstancias concurrentes como la degradación de recursos naturales, la ruptura de rutas de intercambio o las guerras. Y sobre todo hay que documentar los mecanismos de resiliencia, ya que los colapsos se suelen producir no sólo por cambios en el entorno, sino por la incapacidad de una sociedad para adaptarse a tales cambios.

“Fujam para as montanhas” versus “Et pluribus unum”: mecanismos de fissão-fusão, “colapsos” e o registo arqueológico

Hugo Rafael Oliveira (ICArEHB, Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution Human Behaviour, Universidade do Algarve)

A separação e aglutinação, permanentes ou temporárias, de famílias e grupos são mecanismos de mudança no seio das sociedades. Tais padrões são observados em grupos

de caçadores-recolectores, sociedades pastoris transumantes e até mesmo em algumas sociedades complexas da atualidade. No registo arqueológico, estes acontecimentos podem ser interpretados como o final de um sítio. Numa escala espaço-temporal alargada, tais eventos podem ser facilmente confundidos com ‘colapsos’. No entanto, estes mecanismos fazem parte das respostas esperadas a uma crise ambiental ou social e não sinalizam necessariamente uma mudança cultural acentuada.

Aqui, são discutidos exemplos da antropologia e de contextos pré-históricos deste tipo de eventos. Propõe-se que as alterações observadas no registo arqueológico da Península Ibérica durante a transição Calcolítico-Idade do Bronze podem ser explicadas não por um colapso, mas por mecanismos de fissão (sul de Portugal) e fusão (formação de El Argar).

Entre a mudança e a crise nas margens. O Vale Meio do Tejo no século IV a.C. como espaço de reflexão

Pablo Sánchez de Oro (Universidad Autónoma de Madrid)

O século IV a.C. significou o início da Segunda Idade do Ferro no Vale do Meio do Tejo, uma região também conhecida como a Carpetânia. Este momento marcou uma transição que afetou desde o clima até à economia. Na bibliografia em castelhano, este processo é denominado “a crise do século IV a.C.”. Aproveitando este espaço de debate, a nossa proposta é refletir sobre o uso, a adequação e a precisão deste termo. Para esse efeito, propomos uma análise do fenómeno, partindo de cada uma das categorias tradicionalmente utilizadas para defender esta “crise”, até chegarmos a uma aplicação de termos que têm sido deixados de lado, como resistência, resiliência, agência, adaptação e hibridação. Tudo isto nos permitirá contrastar a realidade deste momento e superar leituras simplistas e deterministas, o que poderá conduzir a uma utilização mais precisa de termos que tentem definir momentos de transformação, especialmente nas margens das áreas onde se concentram as narrativas históricas.

Vae Victis? Uma reflexão sobre conceitos e narrativas no processo de formação provincial romano no Ocidente peninsular

Gil Vilarinho (Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) / Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) / HERCULES / Universidade de Évora)

Este estudo propõe uma reflexão de base teórica sobre as narrativas historiográficas construídas em torno da fase inicial do período romano no Ocidente peninsular, com particular atenção ao vocabulário conceptual frequentemente utilizado para descrever os processos de mudança histórica. Partindo de uma análise crítica de termos como conquista, romanização, aculturação, continuidade e transformação, pretende-se discutir de que forma estes conceitos moldaram interpretações sobre a formação provincial romana e condicionaram leituras lineares ou teleológicas da integração do território no mundo romano.

Adotando uma abordagem conceptual e comparativa centrada no contexto português, este estudo problematiza o uso desses termos enquanto categorias analíticas aparentemente neutras, mas profundamente enraizadas em contextos teóricos e ideológicos específicos. Recorrendo a dados arqueológicos e contrastando rutura e persistência, bem como imposição e negociação cultural, procura-se repensar os modelos interpretativos aplicados ao início da presença romana no Ocidente peninsular.

Em última análise, o objetivo é contribuir para um enquadramento interpretativo mais matizado, crítico e flexível das transformações ocorridas no final da Idade do Ferro, sublinhando que uma atenção cuidada ao vocabulário historiográfico permite uma compreensão mais profunda da complexidade e da diversidade regional inerentes ao processo de formação provincial romana.

11h – 11h30

Café

11h30 – 13h

Arqueologías del miedo:

Materialidades, paisajes y comunidades emocionales en el pasado

Juan Pablo López García¹, Carlos Tejerizo-García², Henry Gruber³

1 Proyecto Terra Levis/MASAV

2 Universidad de Salamanca

3 University of North Carolina at Chaper Hill

El miedo, lejos de ser una emoción universal y atemporal, se configura históricamente a través de contextos sociales, culturales y políticos. En arqueología, su estudio abre un campo fértil para explorar cómo determinadas prácticas, objetos y paisajes fueron utilizados para generar, contener o manipular emociones colectivas. Esta sesión propone un espacio de debate sobre las arqueologías del miedo, entendidas no como la mera identificación de un estado emocional, sino como la indagación de los climas emocionales que estructuraron la vida de las comunidades del pasado.

Los enfoques recientes en la arqueología de la emoción muestran cómo el miedo puede rastrearse en la materialidad funeraria, en la arquitectura defensiva, en la gestión ritual de los lugares o en el uso social de los objetos. Estudios sobre el Paleolítico y la Prehistoria reciente tienden a interpretarlo como una reacción psicobiológica universal, mientras que otros, inspirados en perspectivas constructivistas, lo entienden como una emoción socialmente aprendida, inscrita en paisajes, cuerpos y tecnologías de memoria. Casos como la fortificación de asentamientos, la manipulación ritual de túmulos prehistóricos, la proliferación de cerraduras en contextos históricos o los discursos coloniales sobre el miedo al “otro” evidencian que el miedo puede ser a la vez instrumento de poder y mecanismo de cohesión social.

La sesión invita a reflexionar sobre tres ejes principales:

Paisajes del miedo, donde la geografía y la monumentalidad codifican y reproducen emociones colectivas.

Materialidades del miedo, desde los cuerpos en contextos funerarios hasta objetos cotidianos cargados de significados afectivos.

Comunidades emocionales y regímenes del miedo, que permiten analizar cómo la emoción fue regulada y explotada por estructuras políticas, religiosas o sociales.

Proponemos reunir estudios de caso, aproximaciones teóricas y metodológicas que amplíen el debate sobre cómo el miedo puede abordarse arqueológicamente, ofreciendo claves para comprender no solo el pasado, sino también los modos en que las emociones configuran nuestras sociedades presentes.

Introducción: Arqueología emocional. El miedo como objeto de análisis para comprender las sociedades del pasado

Juan Pablo López García (Proyecto Terra Levis/MASAV)

La materialidad del miedo: una aproximación a esta emoción en la Prehistoria ibérica

Alejandra Sánchez Polo (Universidad de Valladolid)

El miedo, ¿es una emoción humana universal? De serlo, ¿qué evidencias materiales podemos buscar en la Prehistoria? Tradicionalmente se ha sostenido que el miedo al otro, al desconocido o al vecino impulsó la erección de murallas —como quizá ocurrió durante el Calcolítico y parte de la Edad del Bronce en el sureste peninsular— o que el temor al más allá se plasmaría en la diversidad de formas de enterramiento en la Meseta norte. Sin embargo, estas lecturas tienden a naturalizar el miedo y a proyectar sobre el pasado categorías emocionales contemporáneas, en un momento actual que se percibe con temor generalizado debido a la situación política, económica y social. En este sentido, cabe preguntarse si son realmente válidas las comparaciones transculturales con base etnográfica cuando se asumen universales.

Esta comunicación propone problematizar dichas interpretaciones mediante un análisis crítico de los recintos fosados y los asentamientos fortificados calcolíticos en Iberia; y a la construcción de paisajes a través de los distintos tratamientos mortuorios de la cuenca del Duero durante la Edad del Bronce. El objetivo es explorar cómo estas materialidades contribuyeron a producir climas emocionales específicos en las comunidades prehistóricas.

Donde callaron los dioses, emergió la espada: resignificación paisajística, memoria y coerción en el territorio político de Cástulo. El caso de piedras del Cardado (Bailén, Jaén)

Juan José López Martínez¹, Luis Arboledas Martínez¹, Juan Jesús Padilla Fernández²

1 Universidad de Granada

2 Universidad de Salamanca

Piedras del Cardado (Bailén, Jaén) es un yacimiento arqueológico multifásico que funcionó como un santuario ibérico (ss. IV–III a.C.), ubicado en un punto estratégico del corredor que conecta el valle del Guadalquivir con la Meseta y articulando la comunicación entre el oppidum de Kastilo/Castulo y las zonas mineras del norte. Tras la llegada de Roma, el enclave fue reorganizado y transformado en un asentamiento militar estable, orientado al control de estas rutas y a su incorporación efectiva en la órbita política romana.

Este trabajo examina el proceso de resignificación del lugar a partir del registro arqueológico, atendiendo a la transición entre un espacio de culto indígena y un dispositivo militar romano. Se analizan las modificaciones del paisaje, de la arquitectura y de las prácticas asociadas al sitio, así como su impacto en las dinámicas sociales y en la gestión de las emociones colectivas. La conversión del santuario en un punto fortificado permite abordar cómo Roma instrumentalizó el control del territorio y la coerción para consolidar su dominio regional, generando nuevos regímenes emocionales vinculados a la vigilancia, la inseguridad y la autoridad imperial. El caso de Piedras del Cardado ofrece así una perspectiva concreta sobre las arqueologías del miedo en contextos de conquista y reorganización provincial.

Paisajes de miedo en la Hispania romana

Henry Gruber (University of North Carolina, Chapel Hill)

Esta presentación amplía el uso arqueológico de los tesoros monetarios como indicadores de inestabilidad política para elaborar una “arqueología del miedo” en la antigua Roma. Inspirándose en el trabajo de Michael Crawford (1969) sobre las crisis de la República tardía, se propone un marco teórico que permita detectar respuestas emocionales a la violencia en el registro material. El objetivo es distinguir entre cambios conductuales motivados por el miedo y adaptaciones racionales frente a amenazas directas, así como identificar las huellas materiales que revelan cuándo tales respuestas psicológicas —racionales o no— se vuelven históricamente significativas a través de sus efectos agregados.

Aunque el miedo puede originarse en diversas fuentes, los estudios arqueológicos suelen enfocarlo como temor individual a la muerte o la enfermedad. Sin embargo, también se manifiesta en las relaciones entre humanos y divinidades o en paisajes investidos de poder sobrenatural. Una fuente especialmente relevante de un “clima de miedo” es la violencia, cuyo impacto conductual excede con frecuencia su alcance geográfico, sobre todo en contextos afectados por violencias predatorias de bandidos, incursiones o coerción estatal. La arqueología del miedo debe, por tanto, identificar patrones materiales que indiquen amenazas percibidas más que violencia experimentada. Se proponen cuatro firmas diagnósticas para reconocer un “paisaje de miedo”: depósitos de riqueza no recuperados, abandonos preventivos de asentamientos, inversiones defensivas en arquitectura urbana y desplazamientos hacia lugares naturalmente defendibles.

Murallas y coerción. Miedo y lucha de clases en la Edad Media

Mario Ramos Soriano (Universidad de Santiago de Compostela)

Uno de los elementos más significativos con los que se suele asociar a la Edad Media es el castillo. Su expresión específica a lo largo de todo el periodo es variado (con castillos de entidades, naturalezas y dimensiones diferentes), pero suele ser una de las expresiones del poder más claras. También constituye un elemento central para explicar cómo las élites y aristocracias varias articulaban su propia agencia política en un territorio y en relación con otras clases sociales (especialmente el campesinado). Aunque normalmente se suelen pensar desde ópticas políticas, económicas o militares, una cuestión importante (y buscada por sus promotores) sería la del miedo. Un miedo que, sin dudas, se ejerce desde una clase social a otra mediante la construcción de elementos que generan ese tipo de emociones “de clase” entre los estratos más humildes de las sociedades medievales. Esta entraría dentro de lo que podría denominarse como lógica coercitiva de dominación de clase.

A través del abordaje de una serie de casos de estudio en la Península Ibérica se pretende abordar esta idea del miedo y su concreción dentro del propio ser de la lucha de clases durante el periodo medieval. Para ello, se expondrán diferentes casos de estudio en la geografía del noroeste peninsular (especialmente en Galicia).

¿Miedo al cambio o adaptación al medio? Arqueología de los paisajes preindustriales campesinos en el centro peninsular durante la Edad Moderna

Carlos Tejerizo García (Universidad de Salamanca)

Las miradas tradicionales hacia el campesinado desde el punto de vista académico y urbanita lo han caracterizado comúnmente como un grupo social contrario al progreso, obcecado en la mantención de su estilo de vida y sus costumbres. Particularmente, durante los inicios de la modernidad, las instancias del poder han generado todo un entramado narrativo con el objetivo de desposeer a los grupos campesinos de sus espacios principales de producción y reproducción: los espacios de gestión comunal. Así, agentes del estado, élites locales y técnicos administrativos han elaborado informes, memorias y estudios buscando sustentar la idea de retraso del campesinado frente al progreso de la tecnología. Un supuesto miedo del campesinado al cambio utilizado como punta de lanza para la introducción de dinámicas de poder ajenas a las bases sociales de estas comunidades. Por el contrario, un estudio detallado y desde la perspectiva local de la materialidad campesina y de los procesos histórico-arqueológicos de estos grupos en la larga duración permiten observar complejas dinámicas de adaptación y creativas estrategias para sobrellevar y superar estas transformaciones radicales. En esta comunicación, presentaremos una reflexión crítica hacia las visiones primitivistas del campesinado a través de un estudio arqueológico de los paisajes preindustriales en las Sierra de Guadarrama y Monfragüe entre los siglos XVI y XIX.

Quando el miedo es libre y la gente no. Conflicto, represión y arqueología del pasado contemporáneo

Xurxo Ayán Vila¹, Luis Antonio Ruiz Casero², Xabier Herrero Acosta¹

1 Investigador independiente

2 GIGEFRA

Los arqueólogos y las arqueólogas del presente hacemos bueno aquello de que las ruinas no nos dan miedo, como defendía el líder anarquista leonés Durruti. Sin embargo, cuando esas edificaciones estaban en uso en época de guerra o violencia política, la realidad era muy diferente, un panorama que resume a la perfección un dicho popular gallego: o medo é libre. Y el miedo es una conducta humana que, como todas, se puede rastrear en el registro arqueológico, y no solo en egodocumentos como las memorias de exiliados y presos en campos y cárceles, los diarios de refugiados y huidos, las misivas desde el frente o las cartas de despedida de reos a las puertas de la muerte.

La percepción y los sentidos son un campo de estudio que empieza a atraer la atención de los investigadores en arqueología del conflicto¹, campo que ya preludearon los y las postprocesualistas con su Arqueología de la Percepción². La influencia del paisaje en el desarrollo de los conflictos bélicos es una línea de investigación histórica emergente, y comienza a ser abordada desde los presupuestos de la historia ambiental³. En el clásico

1 Melanie Winterton, "Signs, Signals and Senses. The Soldier Body in the Trenches", en Nicholas J. Saunders (ed.), *Beyond the Dead Horizon. Studies in Modern Conflict Archaeology*, Oxford, Oxbow, 2012, pp. 229-41; Sarah De Nardi, *The Poetics of Conflict Experience: Materiality and Embodiment in Second World War Italy*, London, Routledge, 2016; Nicholas J. Saunders y Paul Cornish (eds.), *Modern Conflicts and the Senses*, London, Routledge, 2017.

2 Felipe Criado Boado y Victoria Villoch Vázquez, "La monumentalización del Paisaje: percepción actual y sentido original en el Megalitismo de la Sierra de Barbanza (Galicia)", *Trabajos de Prehistoria*, 55(1) (1998), pp. 63-80; Timothy Ingold, *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*, London-New York, Routledge, 2002; Yannis Hamilakis, *Archaeology and the Senses: Human Experiences, Memory and Affect*, Cambridge, Cambridge University Press, 2014.

3 David Alegre Lorenz, "Fear and loathing on the Eastern Front: Soviet forests and the memory of Western Europeans in the German military forces, 1941-1944", *Journal of Modern European History*, 00 (2020), pp. 1-17; David Biggs, *Footprints of war: militarized landscapes in Vietnam*, Seattle, University of Washington Press, 2018; Chris PEARSON, "Researching Militarized Landscapes: A Literature Review on War and the Militarization of the Environment", *Landscape Research*, 37:1, (2012), pp. 115-133. Ya Pearson llamaba la atención en 2012 (p. 126) sobre la necesidad de examinar conflictos como la guerra civil española bajo el prisma de la historia ambiental, y desde un enfoque multidisciplinar.

de Delumeau *El miedo en Occidente*⁴ se alude recurrentemente al papel del pánico en la guerra -en este caso centrado en la Edad Moderna, pero con parámetros aplicables a los conflictos del siglo XX-. Especial interés han revestido para la Arqueología Contemporánea las investigaciones del norteamericano John Dollard durante la Segunda Guerra Mundial⁵, dada la cercanía en el espacio y en el tiempo al objeto de nuestro trabajo de la muestra de población que escogió para su estudio -veteranos de las Brigadas Internacionales-. No es posible, a estas alturas, analizar tanto el hecho bélico como el represivo separándolo de sus condicionantes ambientales y psicológicos, tal y como han señalado respectivamente autores como Pearson o Alegre⁶. En nuestra comunicación abordaremos tres estudios de caso para mostrar la capacidad de la arqueología para inferir, imaginar y recrear el miedo de militares y civiles en conflictos contemporáneos.

Paisajes del miedo. En primer lugar, a través de nuestro trabajo arqueológico en diversos escenarios del intervencionismo bélico fascista entre 1935 y 1945 (Etiopía, Guadalajara, Euskadi, Croacia) hemos detectado una constante: los factores ambientales fueron claves en su derrota. En los encinares en torno al Palacio de Ibarra en Brihuega, en los pinares de Vizcaya o en los inmensos bosques de Croacia los fascistas fueron batidos por fuerzas, a priori inferiores y, sobre todo, peor equipadas. Las tropas italianas se volvían enormemente vulnerables en los terrenos forestales, donde no se podían valer de sus transportes, de su aviación o de sus carros, padeciendo una psicosis colectiva que les hacía sentirse en todo momento rodeados por un enemigo invisible. Llegaron a desarrollar lo que podríamos calificar de “miedo al bosque”. La tecnologización de los ejércitos tras la Segunda Revolución Industrial hizo de los campos de batalla del siglo XX lugares especialmente terroríficos. La artillería pesada, las ametralladoras, la aviación, los carros, el empleo de armas químicas... La muerte o las heridas de gravedad podían llegar de cualquier parte, sin avisar, sin dejar oportunidad a que las cualidades del combatiente pudieran marcar la diferencia. Los ejércitos estaban formados en gran medida por soldados de leva, no por profesionales de la guerra, lo que acentuaba el miedo y la sensación de vulnerabilidad de la tropa.

Materialidades del miedo. En segundo lugar, mostraremos la evolución de la Defensa Pasiva en el Bilbao metropolitano de octubre de 1936 hasta la caída de la ciudad en manos franquistas en junio de 1937. A partir del análisis de fuentes documentales y restos arqueológicos identificamos picos en la construcción de refugios antiaéreos que responden a situaciones de pánico generalizadas en la población ante el dominio del aire por parte de la aviación nazifascista. Como han señalado autores como González Ruibal⁷, en nuestra guerra civil la superioridad de las armas sublevadas se contrarrestaba con la generación de toda una resistencia subterránea que tendrá continuidad en conflictos posteriores (piénsese en Vietnam, por ejemplo).

Regímenes del miedo. En tercer y último lugar, centraremos nuestra atención en los refugios y escondrijos de los huidos republicanos en el noroeste ibérico durante la guerra civil e inmediata postguerra. Cuevas, abrigos rupestres, estructuras de carácter etnográfico, zulos y falsos techos que se erigieron en toda una arquitectura orgánica derivada del pánico a la práctica exterminadora de los sublevados. De hecho, en muchos casos el miedo a sufrir daños (delaciones) o a causar daño a parientes y amigos fue el motivo para que estos refugiados se entregasen a los golpistas.

4 Jean Delumeau, *El miedo en Occidente*, Barcelona, Taurus, 2019.

5 John Dollard, *Fear in Battle*, Washington, The Infantry Journal, 1944.

6 Pearson, *Researching Militarized Landscapes...*, pp. 125-126; ALEGRE LORENZ, *Fear and loathing...*, p. 16.

7 Alfredo González Ruibal, *Volver a las trincheras*, Madrid, Alianza Editorial, 2016.

13h – 14h30

Almoço

14h30 – 16h

Salvaguarda do património arqueológico em contexto florestal

Filipa Bragança¹, Sandra Lourenço¹, Helena Moura¹, João Marques²

1 Património Cultural, I.P.

2 CEAACP- Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística

Esta comunicação procurará estabelecer uma relação entre a legislação portuguesa para a salvaguarda do património arqueológico em projetos de arborização e rearborização e a Circular dos Termos de Referência para procedimentos técnicos de salvaguarda do património arqueológico no âmbito de projetos/explorações florestais, bem como abordar o impacto dos incêndios florestais no património arqueológico.

Os projetos silvícolas representam um elevado valor económico, constituindo, no entanto, uma ameaça significativa para estes elementos patrimoniais.

De acordo com a atual legislação de avaliação de impacto ambiental (AIA) atendendo às dimensões mínimas dos projetos com enquadramento no Regime Jurídico de Avaliação de Impacte Ambiental (RJAIA) até dezembro de 2023, num universo de 3 880 projetos sujeitos a avaliação de impacto ambiental, com Declaração de Impacte Ambiental (DIA) emitida, apenas 36 projetos são de âmbito florestal/agroflorestal. Destes, apenas 13 são posteriores à década de 90 do século XX.

Ainda que Portugal tenha uma legislação relativa ao Património Cultural, consolidada desde 2001 e uma legislação florestal que impõe algumas medidas preventivas específicas para o património arqueológico, nomeadamente nos Programas Regionais de Ordenamento Florestal (PROF), a proteção deste recurso finito e não renovável, fica muito aquém do necessário pois muitos destes projetos encontram-se fora deste âmbito e não auferem de trabalhos de caracterização prévia.

Para colmatar esta necessidade e uniformizar procedimentos, a administração do Património Cultural produziu um conjunto de orientações relativas à salvaguarda do património arqueológico, a implementar em projetos de arborização e rearborização com recurso a técnicas impactantes de mobilização do solo.

Ainda no presente âmbito, outra preocupação da administração do Património Cultural, são os cíclicos incêndios florestais, cada vez de maior dimensão, que afetam o património arqueológico. Há áreas do país que têm tido trabalhos arqueológicos para aferir dos impactes e definir medidas de mitigação, mas grande parte do território português tem ficado sem avaliação, pelo que é premente a definição de uma estratégia nacional que permita essa avaliação e a definição e execução de medidas de salvaguarda.

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUCIONES

Salvaguarda do Património Arqueológico em Contexto Florestal

Filipa Bragança¹, Sandra Lourenço¹, Helena Moura¹, João Marques²

1 Património Cultural, I.P.

2 CEAACP- Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística

Mação - uma estratégia de gestão integrada da paisagem

Luiz Oosterbeek¹, António Louro²

1 Instituto Politécnico de Tomar, Centro de Geociências. Museu de Arte Pré-Histórica de Mação. Instituto Terra e Memória.

2 Aflomação. AZR- Gestão Territorial.

Incêndios florestais na sua Zona de Especial Proteção do Vale do Côa: causas e consequências

Luís Luís¹, Milena Scaramussa Pastro², João Senra³

1 Fundação Côa Parque; Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

2 CITAB - Centre for the Research and Technology of Agro-Environmental and Biological Sciences. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

3 CERENA - Centro de Recursos Naturais e Ambiente, Instituto Superior Técnico para a Investigação e o Desenvolvimento ULisboa

Salvaguarda do património arqueológico: o impacto dos incêndios rurais na Região Centro

Gertrudes Branco¹, Carlos Banha²

1 CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística.

2 Arqueólogo.

Incêndios e salvaguarda arqueológica. Reflexões para uma estratégia comum

Michelle Teixeira Santos (Dirigente do Serviço Museus Municipais de Setúbal (Município de Setúbal))

Deteção Remota como Estratégia para a Salvaguarda do Património Arqueológico em Contexto Florestal em Portugal

Vanessa Antunes^{1,2}, João Fonte^{2,3}, Telmo Pereira^{4,1}, Tiago do Pereiro^{2,5}, Bruno Gambinhas^{2,6}, Filipe Ribeiro², Rita Dias^{2,6}

1 CGeo - Centro de Geociências, Universidade de Coimbra

2 ERA Arqueologia

3 Centre for the Humanities (CHAM), Universidade NOVA de Lisboa

4 Universidade do Minho

5 UNIARQ—Centre for Archaeology, School of Arts and Humanities, University of Lisbon

6 ICArEHB, Universidade do Algarve

16h – 17:30h

Ética em Arqueologia:

Responsabilidades, práticas e desafios no contexto ibérico

Joel Santos¹, Tânia Casimiro²

1 University of Leicester

2 University of Stirling

A arqueologia contemporânea enfrenta dilemas éticos cada vez mais complexos: desde a relação entre investigação científica e interesses económicos, até ao tratamento de restos humanos, à musealização e à participação das comunidades locais. Em Portugal, a reflexão sobre ética em arqueologia tem permanecido relativamente marginal, apesar da sua relevância crescente num contexto de intensa atividade patrimonial e de profundas transformações sociais, políticas e ambientais.

Esta sessão propõe abrir um espaço de debate crítico sobre ética em arqueologia no contexto ibérico, cruzando experiências de diferentes áreas: deontologia e prática profissional,

epistemologias e narrativas históricas, gestão do património e participação cidadã, uso de novas tecnologias, turismo cultural e desafios ambientais. Neste contexto, também o recurso emergente às ferramentas de inteligência artificial merece atenção, pela forma como coloca questões de transparência e responsabilidade no processo de investigação e comunicação científica.

Pretende-se não apenas identificar problemas, mas também partilhar boas práticas e caminhos possíveis, fomentando um diálogo interdisciplinar e inclusivo. O objetivo é contribuir para uma maior consciência coletiva sobre as responsabilidades sociais e culturais da arqueologia, questionando não só como investigamos o passado, mas também para quem e com que instrumentos e consequências o fazemos.

CONTRIBUIÇÕES / CONTRIBUCIONES

Para além da deontologia: uma ética levinasiana para a arqueologia

Joel Santos (University of Leicester)

A discussão ética em arqueologia tem sido dominada por quadros deontológicos, códigos profissionais e modelos de gestão patrimonial que, embora essenciais, tendem a centrar a responsabilidade no arqueólogo e nas instituições enquanto agentes que decidem, gerem e equilibram interesses. Neste contexto, proponho explorar de que modo a ética de Levinas, fundada na responsabilidade infinita perante o Outro, pode renovar a reflexão ética da disciplina. Para Levinas, a ética vem antes do conhecimento. Antes de interpretarmos sítios, restos humanos, paisagens ou comunidades, já somos convocados por eles. Esta responsabilidade assimétrica, que não exige reciprocidade nem se reduz a normas, desafia práticas arqueológicas que frequentemente objetificam materiais, instrumentalizam comunidades ou automatizam decisões através de tecnologias emergentes.

Ao aplicar esta perspetiva a contextos concretos da arqueologia contemporânea, defendo que uma ética levinasiana promove uma arqueologia mais atenta, na qual o foco não é “o que devemos fazer”, mas “o que nos está a ser pedido”. Este deslocamento permite repensar o tratamento de restos humanos, os conflitos patrimoniais, o envolvimento comunitário e o papel das tecnologias, contribuindo para uma ética verdadeiramente relacional e responsável.

Fracasso em Arqueologia: Aprender a recuar, a resistir e a não colapsar

João Luis Sequeira (CICS NOVA, Universidade do Minho)

Este contributo propõe uma reflexão crítica sobre o significado de “fracasso” na academia, articulando-o com as implicações éticas das nossas práticas enquanto arqueólogos. Tenta-se discutir como aquilo que classificamos como fracasso resulta não tanto de um erro individual, mas muito mais do posicionamento a partir do qual interpretamos a experiência em si mesma. Através de dois momentos do meu próprio percurso (um projecto de arqueologia comunitária num contexto urbano marginalizado e a decisão de abandonar um tema de doutoramento imposto) tento examinar como é que o desconforto emocional e a recusa em satisfazer expectativas institucionais podem ser entendidos não como falhas pessoais, mas como gestos éticos. Como falhar sem ser excluído? Sabemos que as estruturas que valorizam a produtividade, a obediência e a prática condicionam a ética

do nosso trabalho. Discuto aqui que assumir o fracasso, reconhecer limites e saber quando recuar constituem actos éticos, sobretudo em contextos marcados por desigualdade social ou por relações desiguais de poder. Em vez de ocultar o falhanço ou de o transformar em produtividade, proponho que o encaremos como parte do processo crítico: um momento em que a performance cede lugar à honestidade, onde pode surgir uma prática académica mais responsável e humana.

Slow down: degrowth ¿una vía para buscar soluciones a algunos dilemas éticos actuales?

Mònica Bouso (Universitat de Lleida; Universitat Oberta de Catalunya)

La ambigüedad ética de algunas de las aplicaciones tecnológicas fruto de su constante innovación, las actuaciones en lugares post-conflicto, el almacenaje de los restos humanos en cajas abandonadas en los fondos de los museos, las consecuencias de la crisis climática sobre los yacimientos, la aceptación de subvenciones de fundaciones que se acogen a amnistías fiscales, el pagar por publicar... estos son solo algunos de los dilemas éticos a los que se debe enfrentar la arqueología del tercer milenio.

No hay una respuesta inequívoca y consensuada para responderlos, algunos de ellos ni siquiera han sido objeto de reflexión. Por ello lo que se propone en esta contribución es precisamente promover una reflexión meditada, es decir pausada, crítica, es decir constructiva, contextualizada, es decir atendiendo a las particularidades, en oposición a la inmediatez y la unilateralidad, que parecen imperar en el marco social y político de nuestro convulso presente.

Para ello nuestra propuesta se centrará en adaptar el concepto de desaceleración expuesto por Kohei Saito (*Slow Down: The Degrowth Manifesto*, 2020), al campo de la arqueología. Examinaremos, pues, algunos de los dilemas expuestos a la luz de la desaceleración, de una bajada del ritmo, la única opción factible en un mundo donde el crecimiento sostenible ya no es posible. Se plantearán iniciativas como incentivar la protección antes que la excavación o potenciar el estudio de los datos heredados, entre otras.

A arqueologia de um sorriso: questões éticas na análise de fotografias do trabalho feminino em Portugal

Susana Pacheco (CFE-HTC, Universidade Nova de Lisboa)

Esta comunicação propõe uma reflexão ética e arqueológica sobre o estudo e a contínua (re)utilização de uma fotografia amplamente disseminada em Portugal desde o Estado Novo. A imagem, publicada pela primeira vez em 1938, mostra uma jovem trabalhadora de uma fábrica de conservas em Portimão, sorridente, arranjada e posicionada atrás da sua bancada de trabalho. Embora desconheçamos o seu nome, idade exata ou percurso de vida, o seu rosto tornou-se, ao longo de mais de oito décadas, um símbolo do papel feminino na indústria conserveira, reproduzido em jornais, exposições, publicações institucionais e meios digitais. A análise arqueológica desta fotografia levanta questões éticas fundamentais: até que ponto é legítimo continuar a divulgar e interpretar a imagem de uma pessoa anónima, possivelmente encenada para servir uma mensagem propagandística? Poderá este “sorriso” refletir consentimento ou constrangimento? Partindo deste caso, discute-se a responsabilidade dos arqueólogos ao estudar e contextualizar imagens que, embora essenciais para compreender a construção ideológica e identitária do trabalho feminino

no Estado Novo, implicam também uma relação delicada entre memória, representação e anonimato. Assim, propõe-se uma leitura crítica que concilie o valor documental com a necessária sensibilidade ética.

Entre o Registo e a Intrusão: Dilemas Éticos na Arqueologia do Abandono Sénior

Tânia Casimiro (University of Stirling)

Este artigo propõe uma reflexão ética sobre a arqueologia do abandono sénior, a partir do estudo de casas lisboetas deixadas intactas após a morte dos seus habitantes idosos. Estes contextos, frequentemente ignorados ou destruídos durante obras urbanas, confrontam os arqueólogos com dilemas que ultrapassam o registo material: a legitimidade da sua presença em espaços privados, a ausência de consentimento dos antigos moradores e a exposição pública de memórias íntimas. Partindo de estudos de caso concretos, discute-se como o registo arqueológico destas casas, ainda cheias de fotografias, objetos religiosos, louças e pequenos vestígios de vida quotidiana, transforma o lixo em memória, mas também o desconforto em consciência ética. Defende-se que arqueologia deve ser entendida como uma prática de cuidado, capaz de responder à vulnerabilidade dos sujeitos e à invisibilidade social da velhice. Ao documentar estes contextos com respeito e anonimato, os arqueólogos não apenas preservam testemunhos materiais, mas participam num debate mais amplo sobre dignidade, solidão e responsabilidade social. A arqueologia do abandono sénior revela, assim, os limites da neutralidade científica e afirma a necessidade de uma arqueologia eticamente engajada.

Pedacitos de realidad y dilemas éticos. La insoportable levedad del ser del arqueólogo en Comunidad

Xurxo Ayán Vila (Investigador independiente)

Soy un arqueólogo blanco, latino, heterosexual y de mediana edad. Soy ateo, de ideología izquierdista y vivo en la ciudad; toda mi trayectoria investigadora se ha desarrollado en el ámbito académico. Nací y crecí en una región atlántica subdesarrollada que, durante las últimas décadas, ha dependido en gran medida del Fondo de Cohesión Europeo para su subsistencia. Mi país, Galicia, es una nación sin Estado dentro del Reino de España. He dedicado más de veinte años a trabajar con comunidades locales en entornos rurales. Me he especializado en la puesta en valor de asentamientos fortificados de la Edad del Hierro. Mi trayectoria investigadora refleja la evolución de la arqueología comunitaria en mi país, siempre dispuesta a adoptar los marcos teóricos y metodológicos chauvinistas de la academia anglosajona. A lo largo de los años he pasado de una reivindicación de la Arqueología Pública (Ayán 2005) a practicar una verdadera etnografía arqueológica (Ayán 2012), más tarde a defender la multivocalidad (Ayán et al. 2012) y las propuestas de una arqueología comunitaria integradora (Ayán 2021).

A lo largo de mi trayectoria, siento haber experimentado la pérdida de la inocencia descrita por David Clarke (1973). En los últimos años, la crisis económica, el aluvión de políticas económicas neoliberales y el auge del populismo y el neofascismo han sido tres factores clave en mi reevaluación de mi propia práctica arqueológica en el mundo rural gallego. La estrategia que he desarrollado combina una arqueología guerrillera activista (McGuire 2008; Atalay et al. 2014) con el pragmatismo crítico defendido por mis colegas del

Instituto de Ciencias del Patrimonio (INCIPIT) del Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC) (Barreiro 2003; Criado 2012). Mi estrategia sintetiza un enigma de contradicciones, paradojas y renunciaciones. Es con esta estrategia que afronto mis dilemas éticos y la insoportable levedad de ser arqueólogo comunitario en estos tiempos difíciles. Mi trabajo pretende abordar críticamente el debate planteado y profundizar en la siguiente aparente contradicción: ¿cómo es posible combatir el populismo reaccionario precisamente mediante una práctica arqueológica que en sí misma parece populista, demagógica e incluso cínica? Para solventar este dilema ético, me centraré en un caso de estudio al que estoy particularmente vinculado emocionalmente: el proyecto de recuperación del castro de San Lourenzo en mi pueblo natal (Cereixa, A Pobra do Brollón, Terra de Lemos, Lugo, Galicia). Una empresa en la que me arriesgo a convertirme en una especie de encarnación de la Santísima Trinidad, ya que formo parte de la comunidad local (indígena), soy promotor (como miembro de la junta directiva de la asociación de vecinos) y arqueólogo especialista (representante técnico del Estado) que dirige las obras.

Cereixa es una pequeña localidad rural en el interior de Galicia. Actualmente, cuenta con 125 habitantes. Sus mayores siguen cultivando sus parcelas y campos. La ganadería prácticamente ha desaparecido de la economía local. Los jóvenes viven en núcleos urbanos cercanos. En este contexto, el fomento del turismo cultural se presenta como una posible herramienta para construir un futuro para la comunidad. Cereixa se encuentra en la ruta de peregrinación a Santiago y cuenta con un notable patrimonio arqueológico. En 2016, la Asociación de Vecinos decidió recuperar el castro de San Lourenzo y me confió la dirección del proyecto. Mi madre nació en Cereixa en 1948 y aún vive en el pueblo. Soy otro de esos vecinos que emigraron y que no han perdido sus vínculos con la comunidad. Gracias a mi equipo, se han llevado a cabo diez campañas arqueológicas en el castro (desde 2016), así como ocho campamentos de voluntarios (desde 2018).

Analizaré críticamente la estrategia de trabajo seguida durante los últimos años (2016-2025) y expondré las condiciones sociales, políticas y económicas del proyecto. Comenzaré describiendo con cierto detalle la microhistoria de Cereixa (Cereixa: una fábrica de ideologías), para luego abordar las políticas patrimoniales predominantes en Galicia (Neoliberalismo) y las fuentes privadas de financiación del proyecto (Capitalismo). Tras esta breve reseña de los orígenes del proyecto, examinaré el uso que he hecho del registro arqueológico, intentando canalizar el nacionalismo gallego (Nacionalismo), sacar el máximo provecho de la religión popular (Catolicismo) y capitalizar el valor simbólico de los ancestros (Necropolítica, con exhibición y manipulación de esqueletos incluida). El artículo concluye con una reflexión final en la que defiende la idea del populismo progresista y del cinismo como medio para contrarrestar la narrativa neoliberal hegemónica, como herramienta útil para una Arqueología Comunitaria capaz de transformar la realidad y como terapia para superar mi falta total de ética.

Referencias

- Atalay, S.; Rains Clauss, L. & McGuire, R. H. 2014. Transforming Archaeology. In S. Atalay, L. Rains Clauss, R. H. McGuire y J. R. Welch (eds.): *Transforming Archaeology. Activist practices and prospects*: 7-28. Walnut Creek, CA: Left Coast Press.
- Ayán Vila, X. M. (coord.). 2005. *Os Castros de Neixón, I: a recuperación desde a Arqueoloxía dun espazo social e patrimonial*. Serie Keltia, 30. Noia: Toxosoutos.
- Ayán Vila, X. M. 2012. Public archaeology, democracy and community. Experiences from Iron Age hillforts at Galicia (Spain). In N. Schücker (ed.): *Integrating Archaeology*

- Science–Wish–Reality*: 41-47. Frankfurt: Römisch-GermanischeKommission, Frankfurt A.M. des Deutschen Archäologischen Instituts.
- Ayán Vila X. M. 2021. Myth, science and community: The archaeological project of San Lourenzo hillfort (Galicia, Spain). *Journal of Community Archaeology and Heritage*, 8(3): 145-59.
- Ayán Vila, X. M.; González Veiga, M. & Rodríguez Martínez, R. 2012. Más allá de la arqueología pública: arqueología, democracia y comunidad en el yacimiento multivocal de A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra). *Treballs d'Arqueologia*, 18: 63-98.
- Barreiro Martínez, D. 2003. Arqueología y pragmatismo crítico. *Claves de Razón Práctica*, 133: 36-41.
- Clarke, D. 1973. Archaeology: the loss of innocence. *Antiquity*, 47(185): 6-18.
- Criado Boado, F. 2012. *Arqueológicas. La razón perdida*. Barcelona: Bellaterra.
- González-Ruibal, A., González, P. A., & Criado-Boado, F. 2018. Against reactionary populism: towards a new public archaeology. *Antiquity* 92(362): 507-515.
- McGuire, R. H. 2008. *Archaeology as political action*. Berkeley: University of California Press.

Subsídios para uma ética de preservação, valorização e socialização de vestígios arqueológicos relevantes identificados no âmbito de intervenções enquadradas pelas categorias C e D do Regulamento de Trabalhos Arqueológicos

António Batarada Fernandes (Unidade de Cultura, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo; Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património)

Em trabalho recente, o autor procedeu à análise das medidas de carácter compensatório aplicáveis em situações de incumprimento das condicionantes arqueológicas estabelecidas pelas entidades públicas competentes, no contexto do licenciamento de projetos urbanísticos que impliquem o revolvimento do solo e do subsolo em áreas abrangidas por servidões administrativas no âmbito do património cultural.

Argumentou-se que o enquadramento jurídico pertinente permite a aplicação de medidas suscetíveis de recuperar a informação científica remanescente, identificar vestígios arqueológicos preservados e não afetados pela intervenção realizada e, em última instância, documentar eventuais destruições de património arqueológico.

Tendo esse exercício demonstrado a solidez da fundamentação legal que sustenta a implementação de medidas de carácter compensatório, o passo subsequente consiste, necessariamente, no que fazer relativamente aos vestígios arqueológicos de especial relevância que possam ter sido identificados.

Deste modo, pretende-se na presente ocasião, examinar e fornecer fundamentos preliminares para a construção de uma ética de preservação, apreciação e socialização de vestígios arqueológicos significativos identificados no decurso de trabalhos compensatórios, considerando as dimensões económicas, sociais e identitárias associadas, e atendendo, em particular, ao equilíbrio entre interesses privados e públicos em presença.

17:30h – 18h30

Encerramento e petiscos / Clausura y picoteo

18:30h

**Um diálogo sobre a arqueologia contemporânea com
o Xurxo Ayán e Tânia Casimiro**
**Un diálogo sobre arqueología contemporánea con
Xurxo Ayán y Tânia Casimiro**

